



Testes e grelhas de avaliação

- Testes de compreensão do oral
- Testes de avaliação por unidade
- Grelhas de avaliação
 - Correção dos testes
 - Domínios (Oralidade, Escrita e Leitura)
 - Autoavaliação
- Cenários de resposta e soluções

Testes de compreensão do oral

Teste de compreensão do oral 1

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 1 – Fernando Pessoa

Antes de ouvires o texto, lê todos os itens com atenção.

Enquanto o ouvés, podes tomar notas ou responder diretamente neste enunciado.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1.ª Audição  CD2 Faixa 20 ( AULA DIGITAL Link: Excerto do *Filme Desassossego*)

1. Visiona o excerto do *Filme do Desassossego* e assinala com V (Verdadeiro) ou F (Falso) cada uma das afirmações. (75 pontos)

- ☐ a) Bernardo Soares fala com Pessoa através da referência à revista *Orpheu*.
- ☐ b) Bernardo Soares fez parte de Associações Culturais.
- ☐ c) Bernardo Soares considera que toda a atividade humana deveria tender para o trabalho.
- ☐ d) Bernardo Soares dá conta da natureza fragmentária da sua obra.
- ☐ e) Bernardo Soares nunca frequentou a Universidade.

1.1 Corrige as afirmações que assinalaste como falsas. (20 pontos)

2. Selecciona a opção correta, de acordo com o sentido do texto. (105 pontos)

2.1 A expressão de Bernardo Soares ao longo do excerto faz-se através de

- ☐ (A) vários diálogos.
- ☐ (B) diálogo e monólogo.
- ☐ (C) somente monólogo.
- ☐ (D) recitação.

2.2 Em relação ao plano social e cultural, Bernardo Soares coloca-se numa posição de

- ☐ (A) marginalidade crítica.
- ☐ (B) participação e incitamento.
- ☐ (C) alheamento e isolamento.
- ☐ (D) atividade intensa.

2.3 Os hábitos de leitura de Bernardo Soares são

- ☐ (A) inexistentes por falta de interesse.
- ☐ (B) inexistentes por falta de tempo.
- ☐ (C) raros, mas consistentes.
- ☐ (D) ávidos e profundos.

2.4 Em relação aos textos de *Orpheu*, que Pessoa diz não serem para qualquer leitor, Bernardo Soares reconhece que

- ☐ (A) nunca os leu.
- ☐ (B) são de qualidade.
- ☐ (C) lhes falta qualidade.
- ☐ (D) o inspiram.

2.5 «Benditos os que não confiam a vida a ninguém», diz Bernardo Soares no final do excerto, embora

- ☐ (A) hesite em levar Pessoa a sua casa.
- ☐ (B) não deposite em Pessoa nenhuma confiança.
- ☐ (C) evite alguns desabafos com Pessoa.
- ☐ (D) confie a Pessoa os seus manuscritos para eventual publicação.

2.6 Há uma referência à intertextualidade das obras de Pessoa e Bernardo Soares patente no seu diálogo através

- ☐ (A) da referência a *Orpheu*.
- ☐ (B) de referências bibliográficas à conjugação das personagens.
- ☐ (C) da naturalidade dos diálogos.
- ☐ (D) da intimidade que aparentam ter.

2.7 «A literatura, que é uma arte casada com o pensamento» é o modo de trabalhar tanto de Bernardo Soares como de Pessoa, provocando-lhes uma sensação de

- ☐ (A) realização.
- ☐ (B) evolução.
- ☐ (C) desconforto.
- ☐ (D) felicidade.

2.ª Audição

Depois da segunda audição do texto, verifica com cuidado as tuas respostas.

Teste de compreensão do oral 2


Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 1 – Fernando Pessoa

Antes de ouvires o texto, lê todos os itens com atenção.

Enquanto o ouvés, podes tomar notas ou responder diretamente neste enunciado.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1.ª Audição  CD2 Faixa 21 (**20 AULA DIGITAL**) *Link: Encostei-me para trás na cadeira do convés, por Da Weasel)*

1. Após a audição, assinala com V (Verdadeiro) ou F (Falso) cada uma das afirmações. **(75 pontos)**

- ☐ **a)** A comparação entre o sujeito poético e o livro deixado na cadeira realça um estatuto de indiferença ou anonimato do sujeito poético.
- ☐ **b)** Apresenta-se-nos um ambiente propício à rememoração através da imagem de um mar revolto e de uma consequente ânsia.
- ☐ **c)** Álvaro de Campos senta-se confortavelmente na cadeira do convés.
- ☐ **d)** A alusão à infância é suscitada pela analogia entre o estado de espírito de sujeito lírico – recostado na cadeira do convés – e a criança que fora «outrora».
- ☐ **e)** Este instante de semi-adormecimento está perfeitamente de acordo com os pensamentos do sujeito poético.

1.1 Corrige as afirmações que assinalaste como falsas. **(20 pontos)**

2. Selecciona a opção correta, de acordo com o sentido do texto. **(105 pontos)**

2.1 Neste poema, evoca-se uma viagem

- ☐ **(A)** de comboio.
- ☐ **(B)** de barco.
- ☐ **(C)** de avião.
- ☐ **(D)** a cavalo.

2.2 O espaço social que rodeia o sujeito lírico é

- ☐ **(A)** modesto.
- ☐ **(B)** minimalista.
- ☐ **(C)** requintado.
- ☐ **(D)** excêntrico.

2.3 O movimento das ondas do mar, tal como descrito, evoca uma sensação de

- ☐ (A) profunda tristeza.
- ☐ (B) felicidade plena.
- ☐ (C) ânsia e desgosto.
- ☐ (D) calma e tranquilidade.

2.4 O ambiente torna-se propício

- ☐ (A) à exaltação da modernidade.
- ☐ (B) à expressão da tristeza amorosa.
- ☐ (C) à evocação da infância.
- ☐ (D) ao louvor da máquina.

2.5 A interjeição «Ah» que ocorre, anaforicamente, ao longo do poema, serve para imprimir ao poema um certo ritmo e suscitar uma sensação de

- ☐ (A) tristeza.
- ☐ (B) felicidade.
- ☐ (C) ânsia.
- ☐ (D) dor.

2.6 O recurso expressivo que melhor expressa, ao longo do poema, a relação entre o sujeito poético e o espaço circundante é

- ☐ (A) a metáfora do mar revolto, concordante com o sentimento expresso pelo sujeito poético.
- ☐ (B) a antítese que representa a calma da situação em concomitância com uma ânsia do passado.
- ☐ (C) a comparação entre o mar calmo e um sujeito poético de espírito tranquilo.
- ☐ (D) a hipálage do mar calmo como extensão do sentimento do «eu».

2.7 O verso final evidencia

- ☐ (A) o sentimento frenético da fase futurista.
- ☐ (B) a procura da totalização de sensações da fase futurista.
- ☐ (C) a busca de evasão da fase decadentista.
- ☐ (D) a angústia existencial da fase pessimista.

2.ª Audição

Depois da segunda audição do texto, verifica com cuidado as tuas respostas.

Teste de compreensão do oral 3


Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 1 – Fernando Pessoa – Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*

Antes de ouvires o texto, lê todos os itens com atenção.

Enquanto o ouvés, podes tomar notas ou responder diretamente neste enunciado.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1.ª **Audição**  CD2 Faixa 22 (**20 AULA DIGITAL**) Link: Documentário «*Livro do Desassossego*», *Grandes Livros*)

1. Visiona o excerto do documentário *Livro do Desassossego* (RTP2, 2009), de João Osório, e classifica as afirmações como verdadeiras (V) ou falsas (F). (75 pontos)

- ☐ a) As questões iniciais são exemplos de reflexões constantes no *Livro do Desassossego*.
- ☐ b) A obra demorou cerca de dez anos a ser escrita e foi concluída ainda em vida do seu autor.
- ☐ c) O *Livro do Desassossego* é uma obra póstuma de Fernando Pessoa/Bernardo Soares.
- ☐ d) Bernardo Soares aparece sempre que Fernando Pessoa está «cansado ou sonolento».
- ☐ e) Trata-se de um heterónimo de Fernando Pessoa, diferindo em tudo da sua personalidade.

1.1 Corrige as afirmações que assinalaste como falsas. (20 pontos)

2. Selecciona a opção correta, de acordo com o sentido do texto. (105 pontos)

2.1 valter hugo mãe considera o *Livro do Desassossego* extremamente revelador,

- ☐ (A) pelo seu enredo narrativo.
- ☐ (B) pela sua descrição exhaustiva.
- ☐ (C) pelo hibridismo de género.
- ☐ (D) pela fragmentação inovadora.

2.2 Inês Pedrosa afirma que Fernando Pessoa

- ☐ (A) sempre prezou levar uma ideia até ao fim.
- ☐ (B) mostrou-se incapaz de levar uma ideia até ao fim.
- ☐ (C) dificilmente conseguia levar uma ideia até ao fim.
- ☐ (D) mostrou-se satisfatoriamente capaz de levar uma ideia até ao fim.

2.3 Richard Zenith é da opinião de que o *Livro do Desassossego* tem a melhor

- ☐ (A) prosa de Fernando Pessoa.
- ☐ (B) filosofia de Fernando Pessoa.
- ☐ (C) metafísica de Fernando Pessoa.
- ☐ (D) poesia de Fernando Pessoa.

2.4 Ondjaki e Inês Pedrosa comparam a leitura da obra

- ☐ (A) à resolução de um quebra-cabeças.
- ☐ (B) à vivência interior de cada indivíduo.
- ☐ (C) às reviravoltas de uma montanha russa.
- ☐ (D) à experiência de estar num labirinto.

2.5 O *Livro do Desassossego* é um livro que

- ☐ (A) segue os cânones da narrativa.
- ☐ (B) nega os cânones da narrativa.
- ☐ (C) corrobora os cânones da narrativa.
- ☐ (D) enaltece os cânones da narrativa.

2.6 Bernardo Soares assume

- ☐ (A) o papel de personagem de um diário.
- ☐ (B) a pele de uma personagem real.
- ☐ (C) o papel de personagem de um romance.
- ☐ (D) a pele de uma personagem fictícia.

2.7 Fernando Cabral Martins diz que, no fundo, o *Livro do Desassossego* é a pergunta mais antiga do Homem:

- ☐ (A) *O que estou aqui a fazer?*, à qual Pessoa respondeu.
- ☐ (B) *Para onde vou?*, à qual Pessoa respondeu.
- ☐ (C) *Quem sou eu?*, à qual Pessoa respondeu.
- ☐ (D) *Onde estou?*, à qual Pessoa respondeu.

2.ª Audição

Depois da segunda audição do texto, verifica com cuidado as tuas respostas.

Teste de compreensão do oral 4



Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 1 – Fernando Pessoa – Poesia dos heterónimos

Antes de ouvires o texto, lê todos os itens com atenção.

Enquanto o ouves, podes tomar notas ou responder diretamente neste enunciado.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1.ª Audição  CD2 Faixa 23  **AULA DIGITAL** Link: curta-metragem *Dia Triunfal* (2009), realização de Rita Nunes e produção de Paulo Branco)

1. Visiona a curta-metragem *Dia Triunfal* (2009), realizada por Rita Nunes e produzida por Paulo Branco e assinala com V (Verdadeiro) ou F (Falso) cada uma das afirmações. **(75 pontos)**

- ☐ **a)** Inicialmente, Fernando Pessoa encontra-se no seu consultório médico, Álvaro de Campos no café, Alberto Caeiro na fábrica e Ricardo Reis na rua.
- ☐ **b)** Os versos «Tenho febre e escrevo. / Escrevo rangendo os dentes (...)» são de Ricardo Reis.
- ☐ **c)** Caeiro pensa nos seguintes versos «O essencial é saber ver, / Saber ver sem estar a pensar, / Saber ver quando se vê, / E nem pensar quando se vê / Nem ver quando se pensa.».
- ☐ **d)** Ah, não ser eu toda a gente e toda a parte! é um verso de Álvaro de Campos.
- ☐ **e)** Bernardo Soares diz-se tímido e mostra-se atrapalhado junto dos seus amigos.

1.1 Corrige as afirmações que assinalaste como falsas. **(20 pontos)**

2. Selecciona a opção correta, de forma a completares os itens seguintes. **(105 pontos)**

2.1 A tosse de Caeiro

- ☐ **(A)** é consequência do fumo na sala.
- ☐ **(B)** deve-se ao seu nervosismo.
- ☐ **(C)** adivinha a doença que o irá «matar».
- ☐ **(D)** irrita Pessoa.

2.2 Campos apresenta-se

- ☐ **(A)** apático e sem ideias interessantes.
- ☐ **(B)** com ideias inovadoras e interessantes.
- ☐ **(C)** como líder do grupo, mas sem ideias válidas.
- ☐ **(D)** deprimido, mas com ideias inovadoras.

2.3 Segundo Caeiro,

- ☐ (A) Pessoa tem imensos amigos fora daquele círculo.
- ☐ (B) Pessoa podia ter mais amigos, se quisesse.
- ☐ (C) Pessoa devia conviver mais.
- ☐ (D) os únicos amigos de Pessoa estavam ali à mesa consigo.

2.4 Quem se mostra desconfortável em perder a sua identidade é

- ☐ (A) Fernando Pessoa.
- ☐ (B) Ricardo Reis.
- ☐ (C) Álvaro de Campos.
- ☐ (D) Bernardo Soares.

2.5 O nome e o rosto da obra literária dos cinco escritores serão

- ☐ (A) ditados pela sorte.
- ☐ (B) vontade do destino.
- ☐ (C) postos a votação entre eles.
- ☐ (D) obra do acaso, no futuro.

2.6 O tema/problema deste diálogo é

- ☐ (A) a crítica literária esporadicamente negativa.
- ☐ (B) a divergência de ideias entre os elementos do grupo.
- ☐ (C) o desentendimento pessoal entre os elementos do grupo.
- ☐ (D) a falta de reconhecimento artístico.

2.7 Relativamente aos princípios de cortesia,

- ☐ (A) são sempre todos muito cordiais uns com os outros.
- ☐ (B) mostram-se incapazes de qualquer tipo de relacionamento cordial.
- ☐ (C) têm momentos de crispação entre eles, porém são geralmente cordiais.
- ☐ (D) as interrupções constantes inviabilizam o diálogo.

2.ª Audição

Depois da segunda audição do texto, verifica com cuidado as tuas respostas.

Teste de compreensão do oral 5


Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 2 – Contos

Antes de ouvires o texto, lê todos os itens com atenção.

Enquanto o ouves, podes tomar notas ou responder diretamente neste enunciado.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1.ª Audição  CD2 Faixa 24 (20 AULA DIGITAL) *Link:* «Mataram a Tuna», de Manuel da Fonseca)

1. Ouve a declamação do poema «Mataram a Tuna», de Manuel da Fonseca, e assinala com V (Verdadeiro) ou F (Falso) cada uma das afirmações. **(75 pontos)**

- ☐ **a)** O poema que ouviste é marcadamente expositivo.
- ☐ **b)** O poema surge de uma evocação da infância.
- ☐ **c)** O ritmo do poema concorda com a temática musical.
- ☐ **d)** A tuna tocava na vila todos os dias.
- ☐ **e)** Os senhores e senhoras da vila não apreciavam a tuna e suas marchas.

1.1 Corrige as afirmações que assinalaste como falsas. **(20 pontos)**

2. Selecciona a opção correta, de acordo com o sentido do texto. **(105 pontos)**

2.1 A música que figura no poema expressa

- ☐ **(A)** harmonia e tranquilidade.
- ☐ **(B)** raiva e alegria loucas.
- ☐ **(C)** tristeza e saudade profundas.
- ☐ **(D)** uma dor de amor.

2.2 A referência ao engano de Marianita sugere

- ☐ **(A)** um interesse amoroso do sujeito poético.
- ☐ **(B)** a dificuldade e complexidade de execução da música.
- ☐ **(C)** a inaptidão musical de Marianita.
- ☐ **(D)** um interesse didático do sujeito poético.

2.3 A referência aos amigos de infância aponta para

- ☐ (A) o sentimento de união ainda presente.
- ☐ (B) as obrigações da vida adulta.
- ☐ (C) a saudade da infância.
- ☐ (D) a quebra dos laços da infância.

2.4 Percebemos que na vila, atualmente,

- ☐ (A) se continua a ouvir a banda.
- ☐ (B) a banda surge raramente.
- ☐ (C) já não se ouve a tuna.
- ☐ (D) se planeia um regresso da tuna.

2.5 Os versos muito longos em contraste com os versos muito curtos contribuem, em grande medida, para a

- ☐ (A) corroboração do tema musical.
- ☐ (B) marcação do ritmo do poema.
- ☐ (C) corroboração do estilo narrativo.
- ☐ (D) demarcação de momentos lógicos dentro do poema.

2.6 Além da clara alusão à música, o outro elemento sensorial que se evidencia no poema é

- ☐ (A) a visão por referência à cor.
- ☐ (B) o tato por referência à textura.
- ☐ (C) o paladar através da referência a alimentos.
- ☐ (D) o olfato por referência aos aromas no ar.

2.7 Tal como no conto «Sempre é uma companhia», há uma analogia imediata entre

- ☐ (A) a aldeia e a venda.
- ☐ (B) a tuna e a rádio.
- ☐ (C) a aldeia e a música.
- ☐ (D) a rádio e a aldeia.

2.ª Audição

Depois da segunda audição do texto, verifica com cuidado as tuas respostas.

Teste de compreensão do oral 6

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 3 – Poetas contemporâneos

Antes de ouvires o texto, lê todos os itens com atenção.

Enquanto o ouvés, podes tomar notas ou responder diretamente neste enunciado.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1.ª Audição  CD2 Faixa 25 (20 AULA DIGITAL Link: *Ler Mais, Ler Melhor* – «Ana Luísa Amaral»)

1. Visiona a intervenção de Ana Luísa Amaral no programa *Ler Mais, Ler Melhor* e assinala como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações seguintes. (75 pontos)

- ☐ a) A intervenção de Ana Luísa Amaral centra-se apenas na sua biografia.
- ☐ b) Ana Luísa Amaral fez a infantil e o 1º período da 4ª classe em Sintra, e depois prosseguiu os seus estudos no Porto.
- ☐ c) A informação biográfica é transmitida de forma subjetiva por Ana Luísa Amaral.
- ☐ d) Ana Luísa Amaral, ainda muito jovem, vai viver para o Porto, não se tendo ressentido com esta mudança.
- ☐ e) Ana Luísa Amaral reconhece que atualmente se sente dividida entre os espaços norte/sul.

1.1 Corrige as afirmações falsas. (20 pontos)

2. Selecciona a opção correta, de acordo com o sentido do texto. (105 pontos)

2.1 O primeiro livro que a poeta escreveu foi

- ☐ (A) *Minha senhora de quê.*
- ☐ (B) *Coisas de partir.*
- ☐ (C) *E muitos os caminhos.*
- ☐ (D) *Imagias.*

2.2 Ana Luísa Amaral confessa que só publicou o seu primeiro livro em 1990 por receio/medo

- ☐ (A) do insucesso editorial.
- ☐ (B) do preconceito dos outros.
- ☐ (C) da exposição aos outros.
- ☐ (D) da crítica literária.

2.3 A poeta afirma que tem uma relação particular com a escrita, decorrente de uma relação

- ☐ (A) de procura intensa da palavra.
- ☐ (B) de inocência com a palavra.
- ☐ (C) de cumplicidade com a palavra.
- ☐ (D) de amor com a palavra.

2.4 Para Ana Luísa Amaral a escrita de um poema provoca-lhe uma sensação

- ☐ (A) de dever aliada a uma sensação de angústia.
- ☐ (B) de dever cumprido aliada a uma sensação de alegria.
- ☐ (C) de prazer aliada a uma sensação de alegria.
- ☐ (D) de prazer aliada a uma sensação de angústia.

2.5 Na opinião da poeta, o ato de escrever envolve obrigatoriamente

- ☐ (A) paixão.
- ☐ (B) determinação.
- ☐ (C) convicção.
- ☐ (D) afeição.

2.6 Segundo Ana Luísa Amaral, a Poesia

- ☐ (A) deve tratar apenas os grandes temas universais.
- ☐ (B) deve tratar apenas as «coisas» pequenas.
- ☐ (C) não deve tratar as «coisas» pequenas, mas os grandes temas universais.
- ☐ (D) não deve tratar apenas os grandes temas, mas também as «coisas» pequenas.

2.7 O ato de escrita é em Ana Luísa Amaral

- ☐ (A) uma obrigação.
- ☐ (B) uma imposição.
- ☐ (C) uma necessidade.
- ☐ (D) um escape.

2.^a Audição

Depois da segunda audição do texto, verifica com cuidado as tuas respostas.

Teste de compreensão do oral 7


Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 3 – Poetas contemporâneos

Antes de ouvires o texto, lê todos os itens com atenção.

Enquanto o ouvés, podes tomar notas ou responder diretamente neste enunciado.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1.^a **Audição**  CD2 Faixa 26 (**20 AULA DIGITAL**) *Link: «A poesia não se serve em pratos de balança», Pedro Lamares na TEDxOPorto», 2015)*

1. Visiona a intervenção de Pedro Lamares «A poesia não se serve em pratos de balança», na TEDxOPorto, 2015, e assinala com V (Verdadeiro) ou F (Falso) cada uma das afirmações.

(75 pontos)

- ☐ a) Pedro Lamares vai tratar dois temas perigosamente consensuais e chatos.
- ☐ b) Em Portugal escreve-se bem, porém lê-se pouco.
- ☐ c) A causa apontada é o sistema educativo do país.
- ☐ d) O enunciador não compreende a necessidade constante de quantificar no ensino.
- ☐ e) O recurso expressivo que percorre o relato do acesso ao ensino superior é a metáfora.

1.1. Corrige as afirmações que assinalaste como falsas.

(20 pontos)

2. Selecciona a opção correta, de forma a completares os itens seguintes.

(105 pontos)

2.1 O ensino da poesia começa, invariavelmente, pelo que é

- ☐ (A) subjetivo.
- ☐ (B) objetivo.
- ☐ (C) apelativo.
- ☐ (D) normativo.

2.2 O seu sonho de dizer poesia deve-se

- ☐ (A) exclusivamente à intervenção de um professor do secundário.
- ☐ (B) à excecionalidade do sistema educativo.
- ☐ (C) à herança cultural de vários declamadores.
- ☐ (D) exclusivamente à sua paixão por Pessoa.

2.3 O seu professor do secundário

- ☐ (A) proibiu-o de ler Pessoa, por questões pedagógicas.
- ☐ (B) incentivou-o a ler Pessoa, por questões pedagógicas.
- ☐ (C) proibiu-o de ler Pessoa, usando a técnica da psicologia invertida.
- ☐ (D) incentivou-o a ler Pessoa, usando a técnica da psicologia invertida.

2.4 A teoria do «não pensamento» de Caeiro

- ☐ (A) estimulou o locutor a refletir sobre a utilidade de pensar.
- ☐ (B) desanimou o locutor e fê-lo não pensar.
- ☐ (C) trouxe sentimentos de revolta ao locutor.
- ☐ (D) estimulou o locutor a refletir sobre a inutilidade de pensar.

2.5 O mito que tem regido a cultura portuguesa é

- ☐ (A) o do Saudosismo.
- ☐ (B) o do Patriotismo.
- ☐ (C) o veiculado por Pessoa.
- ☐ (D) o do Sebastianismo.

2.6 O sujeito poético, no poema dirigido a «Portugal», declara-se

- ☐ (A) triste com o rumo da nação.
- ☐ (B) melancólico perante um passado áureo nacional.
- ☐ (C) apaixonado apesar da imperfeição nacional.
- ☐ (D) ressentido com a trajetória nacional.

2.7 Relativamente à transição entre o «falar» e o «dizer poesia»,

- ☐ (A) esta praticamente não se sente.
- ☐ (B) há uma carga emotiva fortíssima.
- ☐ (C) esta é bem marcada e evidente.
- ☐ (D) há uma mudança drástica.

2.ª Audição

Depois da segunda audição do texto, verifica com cuidado as tuas respostas.

Teste de compreensão do oral 8

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 4 – José Saramago

Antes de ouvires o texto, lê todos os itens com atenção.

Enquanto o ouvés, podes tomar notas ou responder diretamente neste enunciado.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1.ª **Audição**  CD2 Faixa 27 (**20** AULA DIGITAL *Link: Documentário José e Pilar – Sonho*)

1. Visiona o documentário e assinala com V (Verdadeiro) ou F (Falso) cada uma das afirmações.

(75 pontos)

- ☐ a) O tema da reflexão de José Saramago é a velhice.
- ☐ b) José Saramago recorda um sonho que teve já em criança.
- ☐ c) O sonho de José Saramago retratava uma situação angustiante.
- ☐ d) José Saramago compara o sonho ao que há pouco conheceu como realidade virtual.
- ☐ e) Segundo José Saramago, quando dormimos, todo o organismo dorme.

1.1 Corrige as afirmações que assinalaste como falsas.

(20 pontos)

2. Selecciona a opção correta, de acordo com a audição.

(105 pontos)

2.1 José Saramago fala-nos sobre um pesadelo que

- ☐ (A) teve apenas uma vez.
- ☐ (B) raramente teve.
- ☐ (C) tinha pontualmente.
- ☐ (D) tinha de modo recorrente.

2.2 O espaço em que José Saramago se encontrava era

- ☐ (A) definido, distinguindo-se claramente todos os elementos.
- ☐ (B) disforme, sobressaindo a definição de alguns elementos.
- ☐ (C) circular, destacando-se vários elementos definidos.
- ☐ (D) triangular, com um conjunto de elementos indefinidos.

2.3 Este pesadelo traz-lhe uma sensação de

- ☐ (A) sufoco.
- ☐ (B) ansiedade.
- ☐ (C) liberdade.
- ☐ (D) tristeza.

2.4 José Saramago compara o ato de sonhar

- ☐ (A) à escrita.
- ☐ (B) ao cinema.
- ☐ (C) à realidade virtual.
- ☐ (D) à leitura.

2.5 Esta capacidade de transmitir este tipo de sentimento e pensamento é própria do estilo «saramaguiano» de

- ☐ (A) reconfiguração do sonho.
- ☐ (B) transfiguração do real.
- ☐ (C) conformidade com o real.
- ☐ (D) poetização do sonho.

2.6 Na frase «E a verdade é que nós dormimos, mas o cérebro não dorme» encontramos outro traço do estilo de Saramago, a frase

- ☐ (A) metafórica.
- ☐ (B) hiperbólica.
- ☐ (C) sentenciosa.
- ☐ (D) anafórica.

2.7 Das capacidades humanas que facultam o ato de sonhar, a mais fascinante para José Saramago é a de

- ☐ (A) formar imagens mentais.
- ☐ (B) estar em constante alerta cerebral.
- ☐ (C) reconfigurar a realidade.
- ☐ (D) associar logicamente os pensamentos.

2.ª Audição

Depois da segunda audição do texto, verifica com cuidado as tuas respostas.

Teste de compreensão do oral 9

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 4 – José Saramago

Antes de ouvires o texto, lê todos os itens com atenção.

Enquanto o ouvés, podes tomar notas ou responder diretamente neste enunciado.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1.ª Audição  CD2 Faixa 28 (20 AULA DIGITAL) *Link: A Censura e o Veneno*, produzido pela SIC)

1. Visiona o documentário *A Censura e o Veneno*, produzido pela SIC, e assinala com V (Verdadeiro) ou F (Falso) cada uma das afirmações. **(75 pontos)**

- ☐ **a)** A ideia da censura vem da República, antes da I Grande Guerra.
- ☐ **b)** O pretexto para a atuação da Censura era cuidar das notícias sobre a participação portuguesa no conflito internacional.
- ☐ **c)** Militares no ativo deixam circular a sua verdade, eliminando o que consideram veneno.
- ☐ **d)** Salazar deu uma entrevista acerca das dúvidas sobre a bondade da Censura.
- ☐ **e)** Admite-se que a Censura depende da digestão e do humor dos censores.

1.1 Corrige as afirmações que assinalaste como falsas. **(20 pontos)**

2. Seleciona a opção correta, de forma a completares os itens seguintes. **(105 pontos)**

2.1 O sentido equivalente a «uns safanões a tempo» poderá ser

- ☐ **(A)** abanar as consciências e valorizar a autoridade.
- ☐ **(B)** oprimir as consciências perante a autoridade.
- ☐ **(C)** consciencializar os cidadãos para a opressão da autoridade.
- ☐ **(D)** dar sentido às perseguições e enaltecer a autoridade.

2.2 A sigla PVDE significa

- ☐ **(A)** Polícia de Vigilantes e Defesa do Estado.
- ☐ **(B)** Polícia de Vigilantes e Defensores do Estado.
- ☐ **(C)** Polícia de Vigilância e Defensores do Estado.
- ☐ **(D)** Polícia de Vigilância e Defesa do Estado.

2.3 Para a PVDE/PIDE,

- ☐ (A) era útil conhecer o interior do Partido Comunista Português.
- ☐ (B) não tinha qualquer valor conhecer o interior do Partido Comunista Português.
- ☐ (C) o Partido Comunista Português era como os outros partidos.
- ☐ (D) o Partido Comunista Português era inócuo.

2.4 A grande fonte de informação da PVDE /PIDE é constituída pelos

- ☐ (A) delatores.
- ☐ (B) bufos.
- ☐ (C) agentes infiltrados.
- ☐ (D) comunistas arrependidos.

2.5 A atuação da PIDE

- ☐ (A) dependia da tipologia do inimigo.
- ☐ (B) era sempre repressiva e brutal.
- ☐ (C) era constituída por interrogatórios e detenções.
- ☐ (D) levava às colónias penais.

2.6 O regime recorria a ações de massas, como as que ocorreram a

- ☐ (A) 31 de outubro de 1936, com a presença de delegações nacionais.
- ☐ (B) 30 de outubro de 1936, com a presença de delegações internacionais.
- ☐ (C) 31 de outubro de 1935, com a presença de delegações internacionais.
- ☐ (D) 31 de outubro de 1935, com a presença de delegações nacionais.

2.7 O filme *A revolução de Maio*

- ☐ (A) trata o rebelde com desprezo e traça-lhe um fim trágico.
- ☐ (B) trata o rebelde com dignidade e fá-lo arrepender no fim.
- ☐ (C) apresenta um rebelde digno, mas com fim trágico.
- ☐ (D) apresenta um rebelde sem dignidade, mas com arrependimento final.

2.ª Audição

Depois da segunda audição do texto, verifica com cuidado as tuas respostas.

Testes de Compreensão do Oral

Teste de compreensão do oral 1 (p. 293)

1. a) V; b) F; c) F; d) V; e) V.

1.1 b) Bernardo Soares nunca gostou de «multidões»; c) Bernardo Soares considera que toda a atividade humana deveria tender para a literatura.

2.1 (B); 2.2 (C); 2.3 (A); 2.4 (B); 2.5 (D); 2.6 (B); 2.7 (C).

Teste de compreensão do oral 2 (p. 295)

1. a) V; b) F; c) V; d) V; e) F.

1.1 b) Apresenta-se-nos um ambiente propício à rememoração através da imagem de um mar tranquilo; e) Este instante de semi-adormecimento e conforto, concordante com a calma do mar, entra em conflito com o sentimento de ansiedade do sujeito poético.

2.1 (B); 2.2 (C); 2.3 (D); 2.4 (C); 2.5 (C); 2.6 (B); 2.7 (D).

Teste de compreensão do oral 3 (p. 297)

1. a) V; b) F; c) V; d) V; e) F.

1.1 b) A obra demorou cerca de vinte anos a ser escrita e não foi concluída em vida do seu autor; e) Trata-se de um semi-heterónimo de Fernando Pessoa, com uma personalidade «não diferente» da sua, porém sem o «raciocínio e a afetividade».

2.1 (C); 2.2 (B); 2.3 (D); 2.4 (D); 2.5 (B); 2.6 (A); 2.7 (C).

Teste de compreensão do oral 4 (p. 299)

1. a) F; b) F; c) V; d) V; e) V.

1.1 a) Inicialmente, Fernando Pessoa encontra-se no café, Álvaro de Campos na fábrica, Alberto Caeiro na rua e Ricardo Reis no seu consultório; b) São de Álvaro de Campos.

2.1 (C); 2.2 (B); 2.3 (D); 2.4 (B); 2.5 (A); 2.6 (D); 2.7 (C).

Teste de compreensão do oral 5 (p. 301)

1. a) F; b) V; c) V; d) F; e) V.

1.1 a) O poema é marcadamente narrativo; d) A tuna tocava na vila só ao domingo.

2.1 (B); 2.2 (A); 2.3 (C); 2.4 (C); 2.5 (B); 2.6 (A); 2.7 (B).

Teste de compreensão do oral 6 (p. 303)

1. a) F; b) V; c) V; d) F; e) V.

1.1 a) A intervenção de Ana Luísa Amaral centra-se na sua biografia e no ato da sua criação poética; d) Ana Luísa Amaral, ainda muito jovem, vai viver para o Porto, tendo numa fase inicial sentido saudades dos cheiros do sul.

2.1 (A); 2.2 (C); 2.3 (B); 2.4 (D); 2.5 (A); 2.6 (D); 2.7 (C).

Teste de compreensão do oral 7 (p. 305)

1. a) V; b) V; c) V; d) F; e) F.

1.1 d) O enunciador compreende a necessidade constante de quantificar no ensino, porque é mais prático; e) O recurso expressivo que percorre o relato do acesso ao ensino superior é a ironia.

2.1 (B); 2.2 (C); 2.3 (C); 2.4 (A); 2.5 (D); 2.6 (C); 2.7 (A).

Teste de compreensão do oral 8 (p. 307)

1. a) V; b) V; c) V; d) F; e) F.

1.1 d) Saramago compara o sonho à realidade virtual, que diz, aliás, existir desde que o homem sonha, logo, desde sempre; e) Nada para no corpo humano quando dormimos.

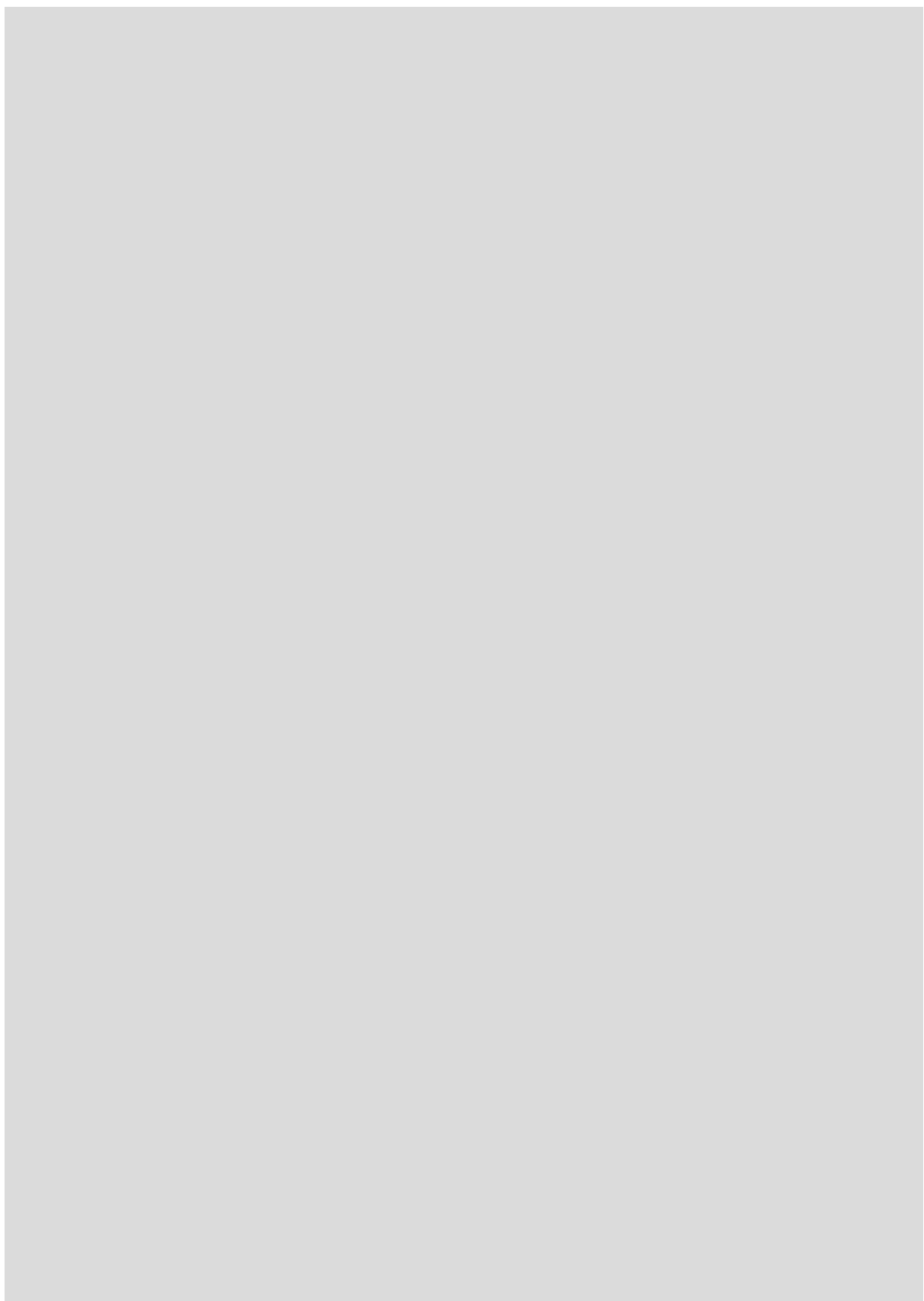
2.1 (D); 2.2 (D); 2.3 (A); 2.4 (C); 2.5 (B); 2.6 (C); 2.7 (B).

Teste de compreensão do oral 9 (p. 309)

1. a) V; b) V; c) F; d) V; e) F.

1.1 c) Militares reformados deixam circular a sua verdade, eliminando o que consideram veneno; e) Salazar deu uma entrevista acerca das dúvidas sobre a bondade da censura.

2.1 (B); 2.2 (D); 2.3 (A); 2.4 (C); 2.5 (A); 2.6 (C); 2.7 (B).



Testes de Avaliação

Teste de avaliação 1

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 1 – Fernando Pessoa – Poesia do ortónimo / Bernardo Soares: *Livro do Desassossego*

Grupo I

Apresenta as tuas respostas de forma bem estruturada.

A

Lê o seguinte poema de Fernando Pessoa.

Chove?... Nenhuma chuva cai...

- | | |
|------------------------------------|--|
| Chove?... Nenhuma chuva cai... | E eis que ante o sol e o azul do dia, |
| Então onde é que eu sinto um dia | Como se a hora me estorvasse, |
| Em que o ruído da chuva atraí | 15 Eu sofro... E a luz e a sua alegria |
| A minha inútil agonia? | Ah, na minha alma sempre chove. |
| | Há sempre escuro dentro em mim. |
| 5 Onde é que chove, que eu o ouço? | Se escuto, alguém dentro em mim ouve |
| Onde é que é triste, ó claro céu? | A chuva, como a voz de um fim... |
| Eu quero sorrir-te, e não posso, | |
| Ó céu azul, chamar-te meu... | 20 Quando é que eu serei da tua cor, |
| | Do teu plácido e azul encanto, |
| E o escuro ruído da chuva | Ó claro dia exterior, |
| 10 É constante em meu pensamento. | Ó céu mais útil que o meu pranto? |
| Meu ser é a invisível curva | Cai aos meus pés como um disfarce. |
| Traçada pelo som do vento... | |

Cartas de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues, introdução de Joel Serrão, Lisboa, Confluência, 1944 (3.ª ed., Lisboa: Livros Horizonte, 1985; disponível em <http://arquivopessoa.net>, consultado em março de 2017).

1. Explicita a relação entre o estado de espírito do *eu* lírico e as condições atmosféricas que o rodeiam.
2. Justifica o recurso às apóstrofes na segunda e última estrofes.
3. Integra esta composição poética nas temáticas pessoanas estudadas, fundamentando a tua resposta com elementos do texto.

B

Lê, atentamente, o seguinte fragmento do *Livro do Desassossego*, de Bernardo Soares.

Tudo é absurdo. Este empenha a vida em ganhar dinheiro que guarda, e nem tem filhos a quem o deixe nem esperança que um céu lhe reserve uma transcendência desse dinheiro. Aquele empenha o esforço em ganhar fama, para depois de morto, e não crê naquela sobrevivência que lhe dê o conhecimento da fama. Esse outro gasta-se na procura de coisas de que realmente não
5 gosta. [...]

Um lê para saber, inutilmente. Outro goza para viver, inutilmente.

Vou num carro elétrico, e estou reparando lentamente, conforme é meu costume, em todos os pormenores das pessoas que vão adiante de mim. Para mim os pormenores são coisas, vozes, frases. Neste vestido da rapariga que vai em minha frente decompõem o vestido em o estofado de
10 que se compõe, o trabalho com que o fizeram – pois que o vejo vestido e não estofado – e o bordado leve que orla a parte que contorna o pescoço separa-se-me em retrós de seda, com que se o bordou, e o trabalho que houve de o bordar. E imediatamente, como num livro primário de economia política, desdobram-se diante de mim as fábricas e os trabalhos – a fábrica onde se fez o tecido; a fábrica onde se fez o retrós, de um tom mais escuro, com que se orla de coisinhas
15 retorcidas o seu lugar junto ao pescoço; e vejo as secções das fábricas, as máquinas, os operários, as costureiras, meus olhos virados para dentro penetram nos escritórios, vejo os gerentes procurar estar sossegados, sigo, nos livros, a contabilidade de tudo; mas não é só isto: vejo, para além, as vidas domésticas dos que vivem a sua vida social nessas fábricas e nesses escritórios... Toda a vida social jaz a meus olhos só porque tenho diante de mim, abaixo de um pescoço moreno, que
20 de outro lado tem não sei que cara, um orlar irregular regular verde-escuro sobre um verde-claro de vestido.

Para além disto pressinto os amores, as secrecias [*sic*], a alma, de todos quantos trabalharam para que esta mulher que está diante de mim no elétrico use, em torno do seu pescoço mortal, a banalidade sinuosa de um retrós de seda verde-escura fazendo inutilidades pela orla de uma
25 fazenda verde menos escura. Ententeço. Os bancos de elétrico, de um entretecido de palha forte e pequena, levam-me a regiões distantes, multiplicam-se-me em indústrias, operários, casas de operários, vidas, realidades, tudo.

Saio do carro exausto e sonâmbulo. Vivi a vida inteira.

Bernardo Soares, *Livro do Desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa* (ed. Richard Zenith), 7.ª ed., Lisboa, Assírio & Alvim, 2014, pp. 253-254.

4. Explicita, sucintamente, como se processa a transfiguração do real, fundamentando a tua resposta com elementos textuais pertinentes.
5. Comprova que o sujeito demonstra ter, ao longo do texto, consciência do Real e a percepção do Absurdo.

Grupo II

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, seleciona a opção correta, indicando o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

Lê atentamente o seguinte texto.

Furacão Orpheu. Fernando Pessoa e a revista que abanou Portugal

Orpheu é um grupo de homens nascidos entre o último quinquénio da década de 1880 e o primeiro da década de 1890 que se espelha nas palavras de Fernando Pessoa: «Pertencço a uma geração que ainda está por vir, cuja alma não conhece já, realmente, a sinceridade e os sentimentos sociais».

5 *Orpheu* tinha a poesia e a irreverência de Fernando Pessoa, Almada e Mário de Sá-Carneiro. Dirigida por Luís de Montalvor e pelo brasileiro Ronaldo de Carvalho, *Orpheu* nasce do impulso e entusiasmo de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro; o mecenas foi o pai deste poeta precoce e tragicamente desaparecido, que já não estaria disposto a pagar a impressão do terceiro número tal fora o estremeção social e o escândalo provocado pelos dois anteriores. [...]

10 *Orpheu*, revista de poetas, pertença estética dos seus atores, também não tinha jornalistas. António Ferro foi escolhido para editor, por Sá-Carneiro, por ser menor de idade, o que livraria os membros do grupo fundador de terem problemas com a Justiça. Mais tarde, distinguiu-se no jornalismo e marcou como ninguém a estratégia de propaganda de Salazar.

15 O restaurante Irmãos Unidos, no Rossio, foi quartel-general da sua redação. «Os *orpheistas*, como a si próprios se designam», encontram ali um poiso de «almoços grátis», porque o local é «explorado» por um «simpático galego que é pai de Alfredo Guisado», um dos membros do grupo Orpheu, escreve o ex-jornalista Orlando Raimundo em «António Ferro – O Inventor do Salazarismo».

20 Orpheu, expressão do movimento modernista, alvor de Portugal Futurista, é também filho da I República, coevo do anticlericalismo, da Grande Guerra, do desencanto da República, do intenso nacionalismo patriótico que leva Pessoa a desejar «melhorar o estado de Portugal».

Canal de todos os movimentos vanguardistas que pululavam por essa Europa fora, [...] Orpheu é uma pertença estética dos seus atores. Orpheu é um projeto luso-brasileiro. O grupo português de Orpheu diz ser de não pertença a toda e qualquer manifestação que não o prazer da arte pela arte, «a consequência do encontro das Letras e da Pintura», afirmando-se movimento dialético de rutura e desconstrução do passado, pois – ao mesmo tempo que rejeita a evocação saudosista do passado –, arroga-se herdeiro do mesmo para, assim, afirmar um modo universalista de ser português, na busca de uma nova definição identitária que passa pelo empenhamento criativo como contributo ativo e decisivo para a antidecadentista e osmótica «única ponte entre Portugal e a Europa [...] comprar ORPHEU é, enfim, ajudar a salvar Portugal da vergonha de não ter tido senão a literatura portuguesa. ORPHEU é todas as literaturas». [...]

Orpheu é afirmação, contradição, desconstrução. Orpheu é criação.

Manuela Goucha Soares, «Furacão Orpheu. Fernando Pessoa e a revista que abanou Portugal», in *Expresso*, 23 de março de 2015 (disponível em <http://expresso.sapo.pt>; consultado em março de 2017).

1. Com o uso das aspas no primeiro parágrafo, pretende assinalar-se
 - (A) o início e o final de uma citação.
 - (B) a reprodução do discurso direto.
 - (C) a reprodução do discurso indireto.
 - (D) a importância semântica das palavras.
2. O editor de *Orpheu* foi escolhido
 - (A) pela sua reputação de jornalista.
 - (B) pelos seus ideais políticos.
 - (C) por salvaguarda jurídica.
 - (D) por ser simpatizante de Salazar.
3. A estética do Futurismo assume-se como uma
 - (A) expressão artística canónica.
 - (B) amálgama de expressões artísticas.
 - (C) estetização da poesia.
 - (D) poetização da pintura.
4. O grupo português de Orpheu defende
 - (A) o nacionalismo saudosista.
 - (B) o antidecadentismo criativo.
 - (C) o universalismo português.
 - (D) a continuação da tradição.
5. Em «por ser menor de idade» (l. 11) estabelece-se uma relação de
 - (A) concessão.
 - (B) consequência.
 - (C) condição.
 - (D) causa.
6. No segmento «Os *orpheistas*, como a si próprios se designam» (ll. 14-15), encontram ali um poiso de «almoços grátis» (l. 15) verifica-se a presença da dêixis
 - (A) pessoal e espacial.
 - (B) pessoal e temporal.
 - (C) pessoal.
 - (D) espacial.

7. Em «na busca de uma nova definição identitária que passa pelo empenhamento criativo.» (ll. 28-29) encontramos uma oração subordinada
- (A) adverbial consecutiva
 - (B) adjetiva relativa restritiva.
 - (C) substantiva completiva.
 - (D) adjetiva relativa explicativa.
8. Indica o antecedente do constituinte sublinhado em «pelos dois anteriores» (l. 9).
9. Identifica a função sintática do segmento: «Canal de todos os movimentos vanguardistas que pululavam por essa Europa fora» (l. 22).
10. Reconhece o processo de formação de palavras que originou o vocábulo «pertença» (l. 10).

Grupo III

«De sonhar ninguém se cansa, porque sonhar é esquecer, e esquecer não pesa e é um sono sem sonhos em que estamos despertos.»

Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*

A partir da citação transcrita, num texto de opinião bem estruturado, de duzentas a trezentas palavras, apresenta o teu ponto de vista sobre a importância que o sonhar assume na nossa vida desde a infância.

Fundamenta o teu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustra cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

Teste de avaliação 2

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 1 – Fernando Pessoa – Poesia dos heterónimos

Grupo I

Apresenta as tuas respostas de forma bem estruturada.

A

Lê o seguinte poema.

Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo,
E ao beber nem recorda
Que já bebeu na vida,
Para quem tudo é novo
5 E imarcescível¹ sempre.

Coroem-no pâmpanos² ou heras. ou rosas volúveis,
Ele sabe que a vida
Passa por ele e tanto
Corta a flor como a ele
10 De Átropos³ a tesoura.

Mas ele sabe fazer que a cor do vinho esconda isto,
Que o seu sabor orgíaco⁴
Apague o gosto às horas,
Como a uma voz chorando
15 O passar das bacantes⁵.

E ele espera, contente quase e bebedor tranquilo,
E apenas desejando
Num desejo mal tido
Que a abominável onda
20 O não molhe tão cedo.

Odes de Ricardo Reis, Fernando Pessoa (notas de João Gaspar Simões & Luiz de Montalvor), Lisboa, Ática, 1946 (imp.1994), p. 32.

¹Imarcescível: duradouro, que não murcha ou fenece.

²Pâmpanos: hastes da videira cobertas de folhas e de frutos

³Átropos: uma das três moiras da mitologia grega, que regiam os destinos humanos.

⁴Orgíaco: festa em honra de Baco.

⁵Bacantes: sacerdotisas de Baco.

1. Indica três aspetos que remetam para o carácter «clássico» da poética de Reis.
2. Identifica o recurso expressivo em «Que a abominável onda» (v. 19), explicitando o seu valor.
3. Explicita a filosofia de vida defendida ao longo do poema, ilustrando a tua resposta com elementos textuais.

B

Lê o seguinte poema.

Depus a máscara e vi-me ao espelho...
Era a criança de há quantos anos...
Não tinha mudado nada...

É essa a vantagem de saber tirar a máscara.
5 É-se sempre a criança,
O passado que fica,
A criança.

Depus a máscara, e tornei a pô-la.
Assim é melhor.
10 Assim sou a máscara.

E volto à personalidade como a um término de linha.

Fernando Pessoa, *Poesias de Álvaro de Campos*
(ed. Teresa Rita Lopes), Lisboa, Assírio & Alvim, p. 514.

4. Explicita a(s) dicotomia(s) presente(s) ao longo do poema.
5. Tendo em conta a questão da heteronímia pessoana, comenta o valor simbólico da «máscara».

Grupo II

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, seleciona a opção correta, indicando o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

Lê atentamente o seguinte texto.

Síndrome de Peter Pan

Nasci nos anos 80. Faço parte de uma geração que já nasceu depois do PREC¹, que viveu a primeira infância com a entrada de Portugal na CEE e cresceu na década de '90, em que tudo parecia correr bem: subsídios europeus, obras públicas, crédito bonificado à habitação e um fulgurante otimismo de que no futuro ia ser ainda melhor.

5 A geração anterior vivera a ditadura e conhecia de perto a dureza da vida antes de Abril, num país de muita miséria, emigração, Guerra Colonial e em que quase tudo acima da frugalidade era luxo. Depois de Abril, a geração anterior foi tendo a oportunidade do emprego-para-a-vida e fez tudo para preservar a estabilidade. A geração anterior cuidou sempre da poupança, primeiro para comprar casa própria, depois para dar uma boa educação aos filhos e depois para garantir a
10 velhice. A geração anterior trabalhou sempre muito, confiando que para nós ia ser tudo mais fácil.

Ora, a crise económica de 2008 em diante e o regime austeritário que se seguiu vieram mudar esse paradigma. E sem saber o que nasceu primeiro, entre tempos diferentes e tempos de crise, creio que o espírito da minha geração não só é muito distinto do anterior como está marcado por uma espécie de paradoxo existencial. (O berço que parecia ser de ouro, foi penhorado. E logo
15 agora que era a nossa vez.)

Somos a geração mais escolarizada de sempre. Temos os diplomas todos. Mas quando íamos começar o emprego-para-a-vida, deixou de haver empregos-para-a-vida. A instabilidade transformou-se em *zeitgeist*² e muitos de nós resolveram surfar. Já que nos tornámos eternos estagiários, eternos bolseiros, eternos precários, desdenhámos dos empregos-para-a-vida e passámos a (ter de) trabalhar
20 como *freelancers*. O desafio seduz, a liberdade de não ter horários também. [...]

Por estudarmos até mais tarde, por não termos estabilidade, por querermos fazer o que gostamos realmente (na lógica do se é para ganhar pouco e viver na corda bamba, é melhor fazer o que se gosta), por não conseguirmos poupar (nem para a casa própria, nem para os filhos que não temos, muito menos para a reforma que não existirá), desenvolvemos uma espécie de
25 síndrome de Peter Pan.

Somos «filhos» até mais tarde e vamos adiando a vida «adulta» como a observámos. Ganhamos a vida como podemos, fazemos por ela, mas os tempos e etapas da nossa vida foram-se desfasando da norma e da biologia. Adiamos os filhos até ao limite e vamos vivendo (em maior ou menor conflito) com essa procrastinação, sentindo a pressão social e, pior ainda, o medo de
30 mais tarde ser tarde demais.

Em criança, acreditava que aos 30 ia estar tudo resolvido. E hoje, neste tempo de contradições e tendo em mim os paradoxos existenciais da minha geração, acho que, se por um lado, vivemos tempos desafiantes e que é bom descobrir novas possibilidades de vida, uma coisa é a instabilidade que escolhemos para nós, sendo outra bem diferente a falta de alternativa que fez
35 disparar novamente a emigração. [...]

Quando eu nasci, a taxa de natalidade era o dobro da que é hoje. Temos uma das mais baixas taxas de natalidade da Europa (senão a mais baixa). E não é por nossa vontade. É mesmo porque, com a crise, se instalou um novo paradigma e, hoje, sabemos bem que amanhã ainda pode ser pior.

Capicua, in *Visão*, 14 de abril de 2016 (disponível em <http://visao.sapo.pt>; consultado em fevereiro de 2017).

¹ *PREC: Processo Revolucionário em Curso*: vaga de atividades levadas a cabo, após o 25 de Abril de 1974, pela esquerda e pela extrema-esquerda com vista à conquista do poder de Estado.

² *Zeitgeist*: termo alemão que significa as características genéricas de um determinado período de tempo. À letra: *o espírito do tempo*.

1. A enumeração presente no primeiro parágrafo reforça a argumentação de que
 - (A) a conjuntura anterior a Abril era mais favorável à do final do século XX.
 - (B) tudo indiciava que a atual geração iria ter um futuro estável a todos os níveis.
 - (C) os ascendentes da atual geração não souberam aproveitar uma conjuntura positiva.
 - (D) a atual geração foi responsável por uma conjuntura favorável a todos os níveis.
2. A geração anterior à da autora do texto trabalhou muito
 - (A) para alcançar bem-estar e proporcioná-lo aos seus filhos.
 - (B) para sobreviver em tempos de crise.
 - (C) para manter o berço de ouro.
 - (D) para ultrapassar a austeridade da vida antes de Abril.
3. Ao afirmar-se que «desenvolvemos uma espécie de síndrome de Peter Pan» (ll. 24-25), enfatiza-se a ideia de que
 - (A) esta geração sofre de doenças do foro psiquiátrico devido à conjuntura económica.
 - (B) a atual geração prolonga, perante a atual conjuntura, o seu estatuto de «filhos».
 - (C) esta geração é socialmente deslocada.
 - (D) a atual geração prolonga, por querer somente fazer aquilo de que gosta, o estatuto de «filhos».
4. O adiamento atual da vida «adulta»
 - (A) contraria a procrastinação da idade de se ter filhos.
 - (B) permite a melhoria das condições de vida de cada um.
 - (C) vai de encontro àquilo que era socialmente habitual e ao relógio biológico.
 - (D) vai ao encontro daquilo que era socialmente habitual e ao relógio biológico.

5. Na frase «O berço que parecia ser de ouro, foi penhorado» (l. 14), a autora recorre a
- (A) uma hipérbole.
 - (B) um oxímoro.
 - (C) uma metáfora.
 - (D) um eufemismo.
6. A repetição da expressão «A geração anterior», ao longo do segundo parágrafo, contribui para a coesão
- (A) referencial.
 - (B) frásica.
 - (C) interfrásica.
 - (D) lexical.
7. A situação descrita em «Somos a geração mais escolarizada de sempre» (l. 16) apresenta um valor aspetual
- (A) perfeitivo.
 - (B) iterativo.
 - (C) habitual.
 - (D) genérico.
8. Classifica a oração sublinhada em «E sem saber o que nasceu primeiro [...]» (l. 12).
9. Identifica o valor modal de «é bom descobrir novas possibilidades de vida» (l. 33).
10. Indica a função sintática do constituinte sublinhado em «se instalou um novo paradigma» (l. 38).

Grupo III

Relê atentamente o verso de Ricardo Reis, constante no texto A, do Grupo I.

«Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo»

Num texto bem estruturado, de duzentas a trezentas palavras, defende um ponto de vista pessoal sobre a ideia exposta no verso transcrito.

Fundamenta o teu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustra cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

Teste de avaliação 3

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 1 – Fernando Pessoa – *Mensagem*

Grupo I

Apresenta as tuas respostas de forma bem estruturada.

A

Lê o seguinte poema.

OCIDENTE

Com duas mãos – o Ato e o Destino –
Desvendámos. No mesmo gesto, ao céu
Uma ergue o facho trémulo e divino
E a outra afasta o véu.

5 Fosse a hora que haver ou a que havia
A mão que ao Ocidente o véu rasgou,
Foi alma a Ciência e corpo a Ousadia
Da mão que desvendou.

Fosse Acaso, ou Vontade, ou Temporal
10 A mão que ergueu o facho que luziu,
Foi Deus a alma e o corpo Portugal
Da mão que o conduziu.

Fernando Pessoa, *Mensagem* (ed. Fernando
Cabral Martins), Lisboa, Assírio & Alvim, 2014, p. 56.

1. Explicita a forma como a dualidade «o Ato e o Destino» se desenvolve ao longo do poema.
2. Comprova a predestinação de Portugal, fundamentando a tua resposta com elementos textuais pertinentes.
3. Identifica no poema duas características do discurso épico, documentando-as com exemplos significativos.

B

Lê as estrofes seguintes, do canto X de *Os Lusíadas*.

145

- Nô mais, Musa, nô mais, que a Lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
5 O favor com que mais se acende o engenho
Não no dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
Dũa austera, apagada e vil tristeza.

146

- E não sei por que influxo de Destino
10 Não tem um ledor orgulho e geral gosto,
Que os ânimos levanta de contínuo
A ter pera trabalhos ledor o rosto.
Por isso vós, ó Rei, que por divino
Conselho estais no régio sôlio posto,
15 Olhai que sois (e vede as outras gentes)
Senhor só de vassallos excelentes.

147

- Olhai que ledos vão, por várias vias,
Quais rompentes liões e bravos touros,
Dando os corpos a fomes e vigias,
20 A ferro, a fogo, a setas e pelouros,
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de Idólatras e de Mouros,
A perigos incógnitos do mundo,
A naufrágios, a pexes, ao profundo.

148

- Por vos servir, a tudo aparelhados;
De vós tão longe, sempre obedientes;
A quaisquer vossos ásperos mandados,
Sem dar reposta, prontos e contentes.
Só com saber que são de vós olhados,
30 Demónios infernais, negros e ardentes,
Cometerão convosco, e não duvido
Que vencedor vos façam, não vencido.

Luís de Camões, *Os Lusíadas* (prefácio de Costa Pimpão),
4.^a ed., Lisboa, MNE, Instituto Camões, 2000, pp. 476-477.

4. Atenta na primeira estrofe e explicita as críticas relativas ao estado da nação.

5. Refere três motivos para o rei ter orgulho dos seus «vassallos excelentes».

Grupo II

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, seleciona a opção correta, indicando o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

Lê atentamente o seguinte texto.

Meu «caso» com Fernando Pessoa

Chamo de «caso» àquele contacto de alma que o próprio Pessoa passou a vida toda a esconder/revelar. O meu «caso» com o poeta começou no final dos anos sessenta, quando ouvi pela primeira vez a música de Caetano Veloso «É proibido proibir», momento libertário da juventude para se antepor à tirania da ditadura em que vivíamos. No meio da sua interpretação antológica¹, e contrariando os que esperavam palavras de ordem, casuísticas², Caetano introduzia a declamação de umas palavras estranhas e enigmáticas, que se alojaram no meu inconsciente como premissas de um tempo novo, inevitável. Corri atrás dessas palavras e vim a saber, estarecido, que eram de um poeta português, de que eu mal ouvira falar. Comprei o livro, as obras então completas (a edição é de 1960), da Editora Aguilar: o poema era «D. Sebastião»³, terceira parte da *Mensagem*. A partir daí uma paixão súbita e definitiva me incendiou o coração e nunca mais parei de ler e amar Pessoa. Com o passar do tempo, cheio de pudor e cumplicidade oculta, fui-me embebedando daquela solidão imensa até descobrir que tinha sido irremediavelmente capturado pelo delírio épico da *Mensagem*. Fernando Pessoa traduz em linguagem metafórica uma antiga aspiração do ser humano, o sentimento obscuro de que existe um mundo interior a ser descoberto, à semelhança dos descobrimentos portugueses. Essa sensação de intervalo, essa ânsia doída, contida nos versos do poeta, reflete aquilo que não temos e não vemos, mas desejamos e queremos: navegar por dentro, no rumo do lugar encoberto onde reina o mais legítimo de nós. Mas cortejar o espírito argonauta era pouco e a forma que encontrei para comungar com o poeta foi a música. Musicar os poemas da *Mensagem* (o primeiro disco, com vários intérpretes, saiu em 1986 e agora vou no terceiro, e último) foi um desdobramento quase natural do meu primeiro contacto, tantos anos atrás. Expressar esse sentimento abstrato de pertença absoluta a uma «causa» foi a tarefa que o destino me impôs. As músicas da *Mensagem* – sem medo, sem mistificação – começaram a descer como molduras sobre telas e, cumprindo apenas a função de integrar-se a elas, integraram-me a ele.

André Luiz Oliveira, in *o editor, o escritor e os seus leitores*, Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

¹Antológica: que merece ser registada.

²Casuísticas: minuciosas.

³D. Sebastião: poema do livro *Mensagem* recitado por Caetano Veloso no meio de «É proibido proibir», canção decisiva da história da música brasileira de protesto contra o regime militar então vigente.

1. A música de Caetano Veloso, «É proibido proibir» surgiu, num contexto ditatorial, como
 - (A) uma reivindicação clara e antológica.
 - (B) um meio direto e explícito de contestação.
 - (C) uma forma de contestação singular e enigmática.
 - (D) uma forma de contestação meticulosa e enigmática.
2. As palavras declamadas do poema «D. Sebastião»
 - (A) provocaram espanto e curiosidade no autor.
 - (B) despontaram no autor a certeza de um futuro melhor.
 - (C) instalaram no autor uma possível esperança de um futuro melhor.
 - (D) contribuíram para o estranhamento e a indefinição.
3. Para o autor do texto, Fernando Pessoa traduz, através da linguagem,
 - (A) a busca eterna do Homem da sua verdadeira essência interior.
 - (B) os mundos descobertos pelos descobrimentos portugueses.
 - (C) a exaltação épica dos descobrimentos portugueses.
 - (D) a vontade humana de navegar e descobrir novos mundos físicos.
4. No contexto em que ocorre, o vocábulo «doída» (l. 16) remete para a ideia de
 - (A) ofensa.
 - (B) queixa.
 - (C) mágoa.
 - (D) ressentimento.
5. Na expressão «como molduras sobre telas» (l. 23) o autor recorre a uma
 - (A) metáfora.
 - (B) perífrase.
 - (C) hipérbole.
 - (D) comparação.
6. No excerto «Corri atrás dessas palavras e vim a saber, estarecido, que eram de um poeta português, de que eu mal ouvira falar» (ll. 7-8), as palavras sublinhadas são
 - (A) um pronome e uma conjunção, respetivamente.
 - (B) uma conjunção e um pronome, respetivamente.
 - (C) pronomes em ambos os contextos.
 - (D) conjunções em ambos os contextos.

7. A oração «onde reina o mais legítimo de nós.» (ll. 17-18) é uma oração subordinada
- (A) substantiva relativa.
 - (B) substantiva completiva.
 - (C) adjetiva relativa explicativa.
 - (D) adjetiva relativa restritiva.
8. Refere a função sintática desempenhada pela oração subordinada presente em «O meu “caso” com o poeta começou no final dos anos sessenta, quando ouvi pela primeira vez a música de Caetano Veloso [...]» (ll. 2-3).
9. Indica o valor aspetual expresso em «É proibido proibir» (l. 3).
10. Identifica o antecedente do pronome «ele» presente na expressão «[...] integraram-me a ele.» (l. 24).

Grupo III

A coragem, a determinação, o desafio do desconhecido, revelados no passado pelo povo português, ainda hoje são evidentes em tudo quanto realiza.

Num texto bem estruturado, de duzentas a trezentas palavras, defende um ponto de vista pessoal sobre a capacidade empreendedora dos portugueses.

Fundamenta o teu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustra cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

Teste de avaliação 4

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 2 – Contos: «Sempre é uma companhia», Manuel da Fonseca

Grupo I

Apresenta as tuas respostas de forma bem estruturada.

A

Lê o seguinte excerto do conto «**Sempre é uma companhia**», de Manuel da Fonseca.

Tirando isto, a vida do Batola é uma sonolência pegada. Agora, para ali está, diante do copo, matando o tempo com longos bocejos. No estio, então, o sol faz os dias do tamanho de meses. Sequer à noite virá alguém à venda palestrar um bocado. É sempre o mesmo. Os homens chegam com a noitinha, cansados da faina. Vão direito a casa e daí a pouco toda a aldeia dorme.

5 Está nestes pensamentos o Batola quando, de súbito, lhe vem à ideia o velho Rata. Que belo companheiro! Pedia de monte a monte, chegava a ir a Ourique, a Castro, à Messejana. Até fora a Beja. Voltava cheio de novidades. Durante tardes inteiras, só de ouvi-lo parecia ao Batola que andava a viajar por todo aquele mundo.

10 Mas o velho Rata matara-se. Na aldeia, ninguém ainda atina ao certo com a razão que levou o mendigo a suicidar-se. Nos últimos tempos, o reumatismo tolhera-lhe as pernas, amarrando-o à porta do casebre. De quando em quando o Batola matava-lhe a fome; mas nem trocavam uma palavra. Que sabia agora o Rata? Nada. Encostado à parede de pernas estendidas, errava o olhar enevoadado pelos longes. Veio o Verão com os dias enormes, a miséria cresceu. Uma tarde, lá se arrastou como pôde e atirou-se para dentro do pego da ribeira da Alcaria.

15 Aos poucos o tempo apagou a lembrança do Rata, o mendigo. Só o Batola o recorda lá de vez em quando. Mas, agora, abandonou a recordação e o vinho, e vai até ao almoço. Nunca bebe durante as refeições.

[...]

20 Um sopro de vida paira agora sobre a aldeia. Todos sabem o que acontece fora dali. E sentem que não estão já tão distantes as suas pobres casas. Até as mulheres vêm para a venda depois da ceia. Há assuntos de sobra para conversar. E grandes silêncios quando aquela voz poderosa fala de cidades conquistadas, divisões vencidas, bombardeamentos, ofensivas. Também silêncio para ouvir as melodias que vêm de longe até à aldeia, e que são tão bonitas!...

Acontece até que, certa noite, se arma uma festa na venda do Batola. Até as velhas dançaram ao som da telefonia. Nos intervalos, os homens bebiam um copo, junto ao balcão, os pares 25 namoravam-se, pelos cantos. Por fim, mudou-se de posto para ouvir as notícias do mundo. Todos se quedaram, atentos.

– Ah! – grita de repente o Batola. – Se o Rata ouvisse estas coisas não se matava!

Mas ninguém o compreende, de absorvidos que estão.

Manuel da Fonseca, «Sempre é uma companhia», in *O Fogo e as Cinzas*, Alfragide, Caminho, 2011.

1. Caracteriza o Rata de acordo com a memória de Batola.
2. Justifica a evocação de Rata no contexto anterior à vinda da telefonia para a venda.
3. Explicita o sentido da frase: «– Ah! – grita de repente o Batola. – Se o Rata ouvisse estas coisas não se matava!» (l. 27).

B

Lê o seguinte excerto de *Os Maias*, de Eça de Queirós.

Inquieto, Carlos descintou o jornal. Chamava-se a *Corneta do Diabo*: e na impressão, no papel, na abundância dos itálicos, no tipo gasto, todo ele revelava imundície e malandrice. Logo na primeira página duas cruces a lápis marcavam um artigo que Carlos, num relance, viu salpicado com o seu nome. E leu isto: «Ora viva, sô Maia! Então já se não vai ao consultório, nem se veem os doentes do bairro, sô janota? – Esta piada era botada no Chiado, à porta da Havanesa, ao Maia, ao Maia dos cavalos ingleses, um tal Maia do Ramalhete, que abarrota por aí de catita; e o pai Paulino que tem olho e que passava nessa ocasião ouviu a seguinte cornetada: – É que o sô Maia acha que é mais quente viver nas fraldas de uma brasileira casada, que nem é brasileira nem é casada, e a quem o papalvo pôs casa, aí para o lado dos Olivais, para estar ao fresco! Sempre os há neste mundo!... Pensa o homem que botou conquista; e cá a rapaziada de gosto ri-se, porque o que a gaja lhe quer não são os lindos olhos, são as lindas louras... O simplório, que bate aí pilecas bifés, que nem que fosse o marquês, o verdadeiro marquês, imaginava que se estava abiscoitando com uma senhora do chique, e do *boulevard* de Paris, e casada, e titular!... E no fim (não, esta é para a gente deixar estourar o bandulho a rir!) no fim descobre-se que a tipa era uma *cocotte* safada, que trouxe para aí um brasileiro já farto dela para a passar cá aos belos lusitanos... E caiu a espiga ao Maia! Pobre palerma! Ainda assim o sô Maia só apanhou os restos de outro, porque a tipa, já antes de ele se enfeitar, tinha pandegado à larga, aí para a Rua de S. Francisco, com um rapaz da fina, que safou também, porque cá como nós só apreciava a bela espanhola. Mas não obsta a que o sô Maia seja traste! – Pois se assim é, dissemos nós, cautelinha, porque o Diabo cá tem a sua Corneta preparada para cornetear por esse mundo as façanhas do Maia das conquistas. Ora viva, sô Maia!» [...]

Mas só Lisboa, só a horrível Lisboa, com o seu apodrecimento moral, o seu rebaixamento social, a perda inteira de bom senso, o desvio profundo do bom gosto, a sua pulhice e o seu calão, podia produzir uma *Corneta do Diabo*.

Eça de Queirós, *Os Maias*, Porto, Livros do Brasil, 2014, cap. XV.

4. Relaciona o teor da carta com a linguagem e estilo nela empregues.
5. Comenta as reflexões contidas no último parágrafo, tendo em conta a globalidade do texto e a crítica de costumes implícita.

Grupo II

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, seleciona a opção correta, indicando o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

Lê atentamente o seguinte texto.

Pós-Facebook

O *Facebook* está numa fase menos boa. Por isso, a equipa de Mark Zuckerberg já começou a arranjar estratégias para voltar a chamar a atenção dos vários seguidores que, se ainda não saíram, estão para breve. Mas o mundo das aplicações cada vez é mais efêmero e a pergunta que se coloca é fácil: o que vem aí?

- 5 Qual será o próximo *Facebook*? Essa é a pergunta de um milhão de dólares em Silicon Valley, e uma preocupação da equipa de Mark Zuckerberg quase desde o seu início. Já se sabe que nada é eterno, muito menos aplicações informáticas e redes sociais. Ao *Facebook* já aderiram os pais, os netos e os avós. Chegou agora o tempo de alguns se irem embora, sobretudo os netos, que se sentem controlados e desconfortáveis: se é para estar com os pais e os avós já bastam as
- 10 tardes de domingo.

Esta curva descendente coloca uma carga negativa em termos de expectativa em relação ao *Facebook*, apesar do lucro manter-se incomensurável: o *Facebook* está a entrar na fase decrescente.

- Perante isto, a empresa optou por duas estratégias distintas, manifestando o desejo de ter um pé no presente e outro no futuro. Tenta reinventar-se, talvez a um ritmo relativamente lento,
- 15 atendendo à voracidade do mundo digital. Sem grandes ruturas. Encontra-se num terrível dilema: por um lado, é necessário mexer qualquer coisa para cativar o público jovem; por outro, mexendo demasiado, espanta-se o público sénior, que é cada vez mais vasto. Assim, o *Facebook* fez pequenas modificações, como a proliferação de *gifs* animados, pôs vídeos de iniciação automática, as barras de disposições (para acrescentar *ao gosto*). Nada será o suficiente,
- 20 Zuckerberg sabe disso, apesar de sempre valer a pena adiar o inevitável. Foi por isso que comprou, em 2014, o *WhatsApp*, e revelou-se uma plataforma de imenso sucesso. Assim como o *Instagram* comprado mais recentemente. Da mesma forma a empresa é proprietária de meia dúzia de companhias (criadas de raiz ou *start ups* adquiridas), para assegurar que terá uma palavra a dizer no futuro...

- 25 Do império Zuckerberg faz parte o Friend Feed, que agrega conteúdos de amigos de diferentes plataformas. O *Next Stop* para descobrir locais de interesse em todo o mundo. O *Drop.io* para partilha rápida de ficheiros. O *Friend.ly*, uma rede social de *Q & A*. *Karma*, uma rede social especializada em compras. O *Face*, *software* de reconhecimento facial através de uma fotografia. *Jibbigo*, um tradutor automático. Por vezes, a empresa de Zuckerberg compra plataformas com o
- 30 único fim de adquirir os cérebros que as criaram, para que a «inteligência» fique toda do seu lado.

Apesar dos esforços, há sempre aplicações que lhe escapam, e a que certamente gostaria de deitar mão. Tais como o *Snapchat*, uma espécie *Instagram* volátil e quotidiano. Ou o *Tinder*, a conhecida rede de encontros. Talvez um dia o *Facebook* compre também estas aplicações. É que Mark Zuckerberg quer ser o próximo Mark Zuckerberg, custe o que custar.

Manuel Halpern, in «o Homem do Leme», *Jornal de Letras*, abril 2016 (disponível em <http://visao.sapo.pt/jornaldeletras>; consultado em março 2016; texto adaptado).

1. O futuro do *Facebook* depende
 - (A) da destruição das outras redes sociais concorrentes.
 - (B) da sua adaptação à nova realidade concorrencial.
 - (C) exclusivamente da compra de novas companhias.
 - (D) exclusivamente da evolução das companhias concorrentes.
2. O *Facebook* está em declínio
 - (A) embora apresente lucros bastante interessantes.
 - (B) por isso, as receitas têm vindo a decrescer.
 - (C) daí estar em risco de falência.
 - (D) apesar de ter lucros satisfatórios.
3. A afirmação «Mark Zuckerberg quer ser o próximo Mark Zuckerberg» (l. 34) permite-nos inferir que o próprio quer
 - (A) abandonar o *Facebook* e dedicar-se a outras redes sociais.
 - (B) recuperar os tempos áureos da sua rede social.
 - (C) continuar a revolucionar o mundo das redes sociais.
 - (D) demarcar-se das redes sociais e concentrar-se nas aplicações mais modernas.
4. O penúltimo parágrafo tem um cariz predominantemente
 - (A) descritivo.
 - (B) expositivo.
 - (C) argumentativo.
 - (D) narrativo.
5. O aspeto gramatical em «Foi por isso que comprou, em 2014, o *WhatsApp*» (ll. 20-21) expressa
 - (A) uma situação iterativa.
 - (B) uma situação genérica.
 - (C) um valor imperfeito.
 - (D) um valor perfeito.
6. No contexto em que ocorrem as expressões «por um lado» (l. 16) e «por outro» (l. 16) contribuem para a coesão
 - (A) lexical.
 - (B) referencial.
 - (C) frásica.
 - (D) interfrásica.

7. Relativamente a «rede social» (l. 27), «*Friend.ly*» (l. 27) e «*Karma*» (l. 27) mantêm uma relação de
- (A) sinonímia.
 - (B) meronímia.
 - (C) hiponímia.
 - (D) reiteração.
8. Identifica a função sintática do constituinte sublinhado em «uma rede social especializada em compras» (ll. 27-28).
9. Indica o antecedente do pronome pessoal em «Apesar dos esforços, há sempre aplicações que lhe escapam» (l. 31).
10. Indica a relação de ordem cronológica entre o tempo do enunciado e o respetivo ponto de referência em «É que Mark Zuckerberg quer ser o próximo Mark Zuckerberg, custe o que custar» (ll. 33-34).

Grupo III

Redige uma exposição bem estruturada, de cento e trinta a cento e setenta palavras, sobre a temática **As três idades da vida em diálogo** no conto «George», de Maria Judite de Carvalho, que estudaste nas aulas.

Deves ser elucidativo quanto ao tema que estás a tratar e fundamentar as tuas ideias através de exemplos do conto em questão.

Teste de avaliação 5

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 2 – Contos: «George», Maria Judite de Carvalho

Grupo I

Apresenta as tuas respostas de forma bem estruturada.

A

Lê o seguinte excerto do conto «George», de Maria Judite de Carvalho.

O rosto da jovem que se aproxima é vago e sem contornos, uma pintura clara, e quando os tiver ele será o rosto de uma fotografia que tem corrido mundo no fundo de uma mala qualquer, que tem morado no fundo de muitas gavetas, o único fétiche de George. As suas feições ainda são incertas, salpicando a mancha pálida, como acontece com o rosto das pessoas mortas. Mas, tal como essas pessoas, tem, vai ter uma voz muito real e viva, uma voz que a cal e as pás de terra e a pedra e o tempo, e ainda a distância e a confusão da vida de George não prejudicaram. Quando falar não criará espanto, um simples mal-estar.

A outra está perto. Se houve um momento de nitidez no seu rosto, ele já passou. George não deu por ele. Está novamente esfumado. A proximidade destrói ultimamente as imagens de George, por isso a vai vendo pior à medida que ela se aproxima.

Gi fá-la [a pergunta] por fazer e sorri o seu lindo sorriso branco de dezoito anos. Depois ambas dão um beijo rápido, breve, no ar, nem se tocam, começam a mover-se ao mesmo tempo, devagar, como quem anda na água ou contra o vento. Vão ficando longe, mais longe. E nenhuma delas olha para trás. O esquecimento desceu sobre ambas.

Agora está à janela a ver o comboio fugir de dantes, perder para todo o sempre árvores e casas da sua juventude, perder mesmo a mulher gorda, da passagem de nível, será a mesma ou uma filha igual a ela? Árvores, casas e mulher acabam agora mesmo de morrer, deram o último suspiro, adeus. Uma lágrima que não tem nada a ver com isto mas com o que se passou antes – que terá sido que já não se lembra? –, uma simples lágrima no seu olho direito, o outro, que esquisito, sempre se recusa a chorar. É como se se negasse a partilhar os seus problemas, não e não.

A figura vai-se formando aos poucos como um *puzzle* gasoso, inquieto, informe. Vê-se um pedacinho bem nítido e colorido mas que logo se esvai para aparecer daí a pouco, mais nítido ainda, mais esfumado.

À sua frente a senhora de idade, finalmente completa, olha-a atentamente. De idade não, George detesta eufemismos, mesmo só pensados, a mulher velha. Tem as mãos enrugadas sobre uma carteira preta, cara, talvez italiana, italiana, sim, tem a certeza. A velha sorri de si para consigo, ou então partiu para qualquer lugar e deixou o sorriso como quem deixa um guarda-chuva esquecido numa sala de espera. O seu sorriso não te nada a ver com o de Gi – porque havia de ter? –, são como o dia e a noite.

Maria Judite de Carvalho, «George», in Maria Isabel Rocheta & Serafina Martins (coord.), *Conto Português (Séculos XIX-XXI) 3. Antologia crítica*, Porto, Caixotim, 2011.

1. Identifica as três figuras femininas presentes nos excertos e explica de que forma se relacionam.
2. Explica o simbolismo destes encontros, tendo em conta a globalidade do conto.
3. Refere três aspetos linguísticos ou estilísticos típicos da prosa de Maria Judite de Carvalho.

B

Lê o seguinte excerto de *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco.

O coração de Teresa estava mentindo. Vão lá pedir sinceridade ao coração!

Para fins entendedores, o diálogo do anterior capítulo definiu a filha de Tadeu de Albuquerque. É mulher varonil, tem força de caráter, orgulho fortalecido pelo amor, despego das vulgares apreensões, se são apreensões a renúncia que uma filha fez do seu alvedrio às imprevidentes e caprichosas vontades de seu pai. Diz boa gente que não, e eu abundo sempre no voto da gente boa. Não será aleive 5 atribuir-lhe um pouco de astúcia, ou hipocrisia, se quiserem; perspicácia seria mais correto dizer. Teresa adivinha que a lealdade tropeça a cada passo na estrada real da vida, e que os melhores fins se atingem por atalhos onde não cabem a franqueza e a sinceridade. Estes ardis são raros na idade inexperta de Teresa; mas a mulher do romance quase nunca é trivial, e esta, de que rezam os meus 10 apontamentos, era distintíssima. A mim me basta, para crer em sua distinção, a celebridade que ela veio a ganhar à conta da desgraça.

Da carta que ela escreveu a Simão Botelho, contando as cenas descritas, a crítica deduz que a menina de Viseu contemporizava com o pai, pondo a mira no futuro, sem passar pelo dissabor do convento, nem romper com o velho em manifesta desobediência. Na narrativa que fez ao académico 15 omitiu ela as ameaças do primo Baltasar, cláusula que, a ser transmitida, arrebataria de Coimbra o moço, em quem sobejavam brios e bravura para mantê-los.

Mas não é esta ainda a carta que surpreendeu Simão Botelho.

Parecia bonançoso o céu de Teresa. Seu pai não falava em claustro nem em casamento. Baltasar Coutinho voltara ao seu solar de Castro Daire. A tranquila menina dava semanalmente estas boas 20 novas a Simão, que, aliando às venturas do coração as riquezas do espírito, estudava incessantemente, e desvelava as noites arquitetando o seu edifício de futura glória.

Camilo Castelo Branco, *Amor de Perdição*, Edição genética e crítica de Ivo Castro, Lisboa, IN-CM, 2007, Cap. IV.

4. Demonstra que a caracterização de Teresa a aproxima do conceito de «herói romântico».
5. Classifica o narrador quanto à presença, ciência e posição.

Grupo II

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, seleciona a opção correta, indicando o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

Lê atentamente o seguinte texto.

Homens e mulheres, bem-vindos ao futuro!

A propósito do Dia Internacional da Mulher, que se celebra a 8 de março, acho que nunca é de mais relembrar alguns factos.

Começemos pela Educação.

5 Nesta área, Portugal tem evoluído muito, embora continue em franca desvantagem quando comparado com outros países da Europa. Não sendo um exclusivo das mulheres, são elas que têm sido as maiores protagonistas deste progresso.

10 Vejam-se, por exemplo, as diferenças entre as percentagens de pessoas com ensino superior, em 2015, de duas gerações: 25/34 anos e 55/64 anos. Embora, em ambos os sexos, as gerações mais jovens sejam bastante mais escolarizadas que as menos jovens, no caso dos homens essa diferença equivale ao dobro e, no caso das mulheres, corresponde ao triplo.

As raparigas abandonam, também, muito menos a escola em idades precoces que os rapazes e as mulheres já são a maioria dos diplomados no ensino superior.

Uma história de sucesso na escola, em especial para as mulheres, mas que encerra uma relação pouco virtuosa quando relacionada com o que se passa no mercado de trabalho.

15 Sabemos que o conhecimento é o valor-chave da sociedade contemporânea. O saber e o mérito de cada um, e não o ser-se homem ou mulher, deveria, por isso, constituir a chave da vantagem ou desvantagem social dos indivíduos. Contudo, a prática não o comprova.

20 Continuando a recorrer a alguns dados disponíveis na Pordata, percebemos que as mulheres passaram a ser dominantes, em termos estatísticos, em certas profissões que, no passado, foram maioritariamente preenchidas por homens, como a medicina, a magistratura ou a advocacia. Porém, a confirmação de êxito no mercado de trabalho não acompanha, com a mesma velocidade, os seus progressos educativos.

25 Vejamos a questão salarial. No caso das remunerações, verifica-se que, para idênticas qualificações, as mulheres recebem, em média, menos do que os homens, em especial nas posições mais qualificadas. São diferenças que, apesar de tudo, não se têm esbatido com o tempo em Portugal. Também, embora o número de mulheres empregadas seja quase idêntico ao número de homens empregados, elas representam uma clara minoria dos empregadores: apenas 31%, em 2016.

30 Estes traços do retrato ficam ainda mais completos se espreitarmos a esfera doméstica, em especial as atividades entendidas, por muitos, como trabalho não pago. Aqui a balança desequilibra-se para o lado das mulheres. Por exemplo, as mulheres estão em esmagadora maioria quando se trata de viver só, com algum familiar a cargo, seja ascendente ou descendente; e é sobre as mulheres, enquanto mães, que recaem os principais deveres e obrigações no acompanhamento dos filhos pequenos.

35 Estes casos ilustram que Portugal, no que diz respeito a dimensões como o trabalho ou a família, ainda está longe de ser uma sociedade suficientemente atenta a cada pessoa, para lá de atributos como o sexo, apesar do que refere a Constituição Portuguesa, no seu artigo 13º: «Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo (...).»

40 Hans Rosling, médico, humanista e grande porta-voz dos números sobre a sociedade em que vivemos, esteve em Lisboa em 2015 numa conferência promovida pela Fundação Francisco Manuel dos Santos. Foram momentos únicos que, após a sua morte, no passado dia 7 de fevereiro, vale sempre a pena recordar. Para além dos vários ensinamentos, sustentados em factos, que nos ajudaram a melhor compreender o mundo em que vivemos e a multiplicidade social e cultural que este contém,

45 Rosling explicou, com o enorme sentido de humor que o caracterizava, até que ponto identificava o futuro com a cada vez maior igualdade entre sexos nas responsabilidades das esferas pública e privada, ironizando até com a falta de uma palavra na língua portuguesa, «bispa», pois é agora uma mulher que representa o bispado de Estocolmo. E disse, sobre a igualdade de género, que se começa a respirar na Suécia: «Isto é o futuro; bem-vindos ao futuro!»

Maria João Valente Rosa, in *Visão*, n.º 1252, 3 de março de 2017.

1. A evolução de Portugal na área da Educação deve-se, essencialmente,
 - (A) ao aumento do número de homens diplomados e à diminuição, por parte destes, do abandono escolar.
 - (B) ao contributo das mulheres que aumentaram o nível de escolaridade e abandonaram a escola em menor escala.
 - (C) ao aumento para o triplo de mulheres diplomadas e à diminuição do abandono escolar por parte dos homens.
 - (D) ao contributo dos homens das gerações menos jovens que aumentaram o nível de escolaridade.
2. Teoricamente, o saber e o mérito assumem a primazia no mercado de trabalho, contudo, na realidade,
 - (A) o conhecimento é o fator-chave da vantagem ou desvantagem social.
 - (B) o sucesso das mulheres na escola equipara-se ao sucesso no mercado de trabalho.
 - (C) o género continua a ser o fator primordial de vantagem ou desvantagem social.
 - (D) existe igualdade de género no sucesso no mercado de trabalho.
3. As desigualdades no mercado de trabalho entre homens e mulheres, com vantagem para os primeiros, são visíveis
 - (A) a nível salarial e a nível qualificacional.
 - (B) a nível remuneratório e a nível doméstico.
 - (C) a nível remuneratório e a nível da empregabilidade.
 - (D) a nível salarial e a nível patronal.
4. Portugal não cumpre o estipulado no artigo 13.º da Constituição Portuguesa, uma vez que
 - (A) as mulheres são responsáveis pelos descendentes e pelos ascendentes, na esfera privada.
 - (B) as mulheres encontram-se em clara desvantagem nas esferas públicas e privadas.
 - (C) as mulheres desempenham trabalho não remunerado.
 - (D) as mulheres encontram-se em desvantagem relativamente à razão de ascendência.

5. A Suécia, segundo Hans Rosling, é um exemplo de
- (A) promoção da igualdade de género.
 - (B) multiplicidade social e cultural.
 - (C) compreensão da sociedade contemporânea.
 - (D) multiplicidade da língua.
6. A situação descrita em «[...] Portugal tem evoluído muito [...]» (l. 4) apresenta um valor aspetual
- (A) iterativo.
 - (B) genérico.
 - (C) perfetivo.
 - (D) habitual.
7. A modalidade presente no excerto transcrito do artigo 13.º da Constituição Portuguesa (ll. 35-37) é
- (A) epistémica, com valor de certeza.
 - (B) epistémica, com valor de probabilidade.
 - (C) deôntica, com valor de obrigação.
 - (D) deôntica, com valor de permissão.
8. Identifica a função sintática do constituinte sublinhado em «as mulheres passaram a ser dominantes [...] em certas profissões» (l. 19).
9. Classifica a oração subordinada presente em «Também, embora o número de mulheres empregadas seja quase idêntico ao número de homens, elas representam uma clara minoria dos empregadores [...]» (ll. 26-27).
10. Indica a relação de ordem cronológica entre o tempo do enunciado e o respetivo ponto de referência em «[...] momentos únicos que, após a sua morte, no passado dia 7 de fevereiro, vale sempre a pena recordar» (ll. 40-41).

Grupo III

Redige uma exposição bem estruturada, de cento e trinta a cento e setenta palavras, sobre a temática **solidão e convivialidade** no conto «Sempre é uma companhia», de Manuel da Fonseca, que estudaste nas aulas.

Deves ser elucidativo quanto ao tema que estás a tratar e fundamentar as tuas ideias através de exemplos do conto em questão.

Teste de avaliação 6

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 3 – Poetas contemporâneos

Grupo I

Apresenta as tuas respostas de forma bem estruturada.

A

Lê o seguinte poema.

Ressurreição

Porque a forma das coisas lhe fugia,
O poeta deitou-se e teve sono.
Mais nenhuma ilusão lhe apetecia,
Mais nenhum coração era seu dono.

- 5 Cada fruto maduro apodrecia;
Cada ninho morria de abandono;
Nada lutava e nada resistia,
Porque na cor de tudo havia Outono.

- Só a razão da vida via mais:
10 Terra, sementes, caules, animais,
Descansavam apenas um momento.

E o vencido poeta despertou
Vivo como a certeza de um rebento
Na seiva do poema que sonhou.

Miguel Torga, *Libertação* (Coimbra, 1944), in
Poesia Completa, Vol. I, Lisboa, Dom Quixote, 2007, p. 179.

1. Apresenta, com base nas duas quadras, quatro razões que justifiquem o sono do poeta.
2. Estabelece uma relação entre o primeiro terceto e o «despertar» do poeta.
3. Analisa a expressividade da metáfora final do poema, relacionando-a com o título.

B

Lê o seguinte poema de Alberto Caeiro.

Quando vier a primavera

- Quando vier a primavera,
Se eu já estiver morto,
As flores florirão da mesma maneira
E as árvores não serão menos verdes que na primavera passada.
5 A realidade não precisa de mim.
- Sinto uma alegria enorme
Ao pensar que a minha morte não tem importância nenhuma.
- Se soubesse que amanhã morria
E a primavera era depois de amanhã,
10 Morreria contente, porque ela era depois de amanhã.
Se esse é o seu tempo, quando havia ela de vir senão no seu tempo?
Gosto que tudo seja real e que tudo esteja certo;
E gosto porque assim seria, mesmo que eu não gostasse.
Por isso, se morrer agora, morro contente,
15 Porque tudo é real e tudo está certo.
- Podem rezar latim sobre o meu caixão, se quiserem.
Se quiserem, podem dançar e cantar à roda dele.
Não tenho preferências para quando já não puder ter preferências.
O que for, quando for, é que será o que é.

Alberto Caeiro, «Poemas Inconjuntos», in *Poemas de Alberto Caeiro*.
Fernando Pessoa (nota explicativa e notas de João Gaspar Simões
e Luís de Montalvor), 10.^a ed., Lisboa, Ática, 1993.

4. Justifica a afirmação da segunda estrofe à luz da filosofia de Alberto Caeiro.
5. Explica a ausência de desejos do poeta expressa na última estrofe, relacionando-a com as referências à Natureza ao longo do poema.

Grupo II

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, seleciona a opção correta, indicando o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

Lê atentamente o seguinte texto.

O amor à terra e a Portugal

Miguel Torga denuncia a ditadura e exalta a liberdade, um dos valores que mais cantou; valoriza o ofício de poeta, a criação literária e a busca denodada do termo adequado. A sua postura de homem aberto ao mundo, de homem que se sente ibérico, de português que amava a pátria e os seus símbolos. A sua profunda ligação à terra leva-o a afirmar que, em cada ida a S. Martinho de Anta, se sentia sempre um Anteu¹ combalido, «a tocar a terra alentadora e a recuperar as forças». A sua obra dá relevo aos valores e mitos greco-romanos que são parte essencial da nossa bagagem cultural. O conflito religioso entre o homem estruturalmente crente e a razão, que o leva a declarar-se ateu, acompanhou-o toda a vida.

Uma breve referência para poemas de Miguel Torga que têm sido musicados e gravados. Embora não sejam muitos, cantou-o Luís Góis (poemas «Aqui» e «Dissonância»), José Mesquita («Súplica») e Hermano da Câmara («À mãe»). Sabemos ainda que Eduardo Aroso musicou «Santo e Senha» (ainda não editado) e que Lopes Graça compôs música para um poema seu.

Esta sessão evocativa gostaria de revelar, de forma evidente, a grandeza humana de Miguel Torga, a sua vincada personalidade de escritor e de homem cívico, o seu apego à verdade e à liberdade; o seu desejo de saber e abertura ao mundo e aos valores que a humanidade nos legou, o seu amor à terra e a Portugal.

Não se estranha, pois, que equipare os Portugueses a «outros Ulisses amarrados aos mastros dos seus navios» (*Diário IX*, 1964, p. 87), para como ele escutarem as vozes de sereia que vinham dos mares distantes; que considere eternizar a *Odisseia* «a inquietação de Ulisses e toda a nossa universal e mortal inquietação» (*Diário VI*, p. 39). É também bem evidente – e está perfeitamente explícito na sua obra – o amor à terra e a Portugal que o levou a calcorreá-lo de ponta a ponta e a expressar os seus sentimentos em muitas páginas dos *Diários* e no sentido livro *Portugal*. Esse seu telurismo e ligação à terra aparece bem vincado em muitas das suas figuras, na sua poesia e nos seus *Diários*. Sentia-se um outro Anteu, que, em contacto com a Terra-mãe, recuperava forças, como escreve em 1968 (*Diário XI*, 1973, p. 1047): «De todos os mitos de que tenho notícia, é o de Anteu que mais admiro e mais vezes ponho à prova, sem esquecer, evidentemente, de reduzir o tamanho do gigante à escala humana, e o corpo divino da Terra olímpica ao chão natural de Trás-os-Montes».

A personalidade de Miguel Torga como homem de grande cultura e de fina sensibilidade à beleza e harmonia, física e espiritual – quer se tratasse de pessoas, de lugares, das coisas, de monumentos ou arte – manifesta-se bem ao longo da sua obra. São dados exemplos de dois passos dos *Diários*.

Atente-se nestas suas palavras, escritas no dia 8 de setembro de 1953, durante uma viagem à Grécia (*Diário VII*, 1956, p. 47), ao entrar na Acrópole de Atenas – que apelida de «Cume do mundo humano, Himalaia do espírito» – e no que significam de admiração e valorização das criações do espírito humano e fazem parte da nossa bagagem cultural:

Na Grécia antiga, a que deveras me importava, e para onde, num esforço de imaginação, me transportei, foi um tormento. Era como se de repente, num só dia, numa só hora, num só instante, os olhos, deslumbrados por um novo sol, sentissem que toda a luz recebida em cinquenta anos de vida tinha sido escuridão.

*Antologia de poemas de Miguel Torga. Introdução e escolha de poemas de José Ribeiro Ferreira.
[disponível em http://www.fluirperene.com/livros/miguel_torga_16_anos.pdf].*

¹ *Anteu*: figura mitológica que era extremamente forte quando se encontrava em contacto com o chão, mas que, caso fosse levantado no ar, perdia todas as suas forças.

1. Com a expressão «busca denodada do termo adequado» (l. 2), o autor do texto pretende afirmar que Miguel Torga
 - (A) trabalhava as palavras pacientemente.
 - (B) procurava a palavra certa de modo destemido.
 - (C) não desistia até encontrar a palavra conveniente.
 - (D) sabia que a escrita precisava dos termos adequados.
2. As idas de Miguel Torga a S. Martinho de Anta
 - (A) permitiam-lhe recuperar pelo contacto com a terra.
 - (B) deixavam-no combalido pelo contacto com a terra.
 - (C) aconteciam depois de recuperar forças.
 - (D) deviam-se ao gosto de ler livros sobre seres mitológicos.
3. Torga declarou ser ateu
 - (A) por constatar que os mitos greco-romanos constituíam uma herança cultural e não um elemento religioso.
 - (B) porque toda a vida teve conflitos com religiosos.
 - (C) como resultado do confronto entre os seus lados racional e religioso.
 - (D) porque a exclusividade da razão nunca lhe permitiu ser um homem crente.
4. A forma verbal sublinhada em «De todos os mitos de que tenho notícia, é o de Anteu que mais admiro e mais vezes ponho à prova» (ll. 25-26) têm respetivamente um valor aspetual
 - (A) perfetivo.
 - (B) genérico.
 - (C) imperfetivo.
 - (D) iterativo.

5. O processo fonológico presente na evolução da palavra *libertate* > *liberdade* designa-se por
- (A) vocalização.
 - (B) sonorização.
 - (C) metátese.
 - (D) dissimilação.
6. O pronome pessoal «o» (l. 7) tem como antecedente
- (A) «Miguel Torga» (l. 1)
 - (B) «Anteu» (l. 5).
 - (C) «O conflito religioso» (l. 7).
 - (D) «o homem» (l. 7).
7. No último parágrafo do texto, na reprodução das palavras de Torga, são utilizados diversos recursos expressivos, entre os quais
- (A) a hipérbole e a sinestesia.
 - (B) a metáfora e a perífrase.
 - (C) a antítese e a comparação.
 - (D) a metáfora e a antítese.
8. Identifica a função sintática desempenhada pela expressão «um dos valores que mais cantou» (l. 1).
9. Classifica a oração introduzida por «para onde» (l. 35).
10. Classifica o texto apresentado quanto ao género, comprovando a sua resposta com a apresentação de três marcas específicas de género.

Grupo III

São cada vez mais aqueles que decidem mudar de vida, abandonando a cidade. Foi o que aconteceu com Teresa e Estêvão:

«A mudança da vida agitada da cidade para a tranquilidade do campo não se estranhou, antes entranhou-se neste casal lisboeta. “A quinta é um projeto também ele absorvente e embora os ritmos sejam outros, ocupa-nos o tempo todo”, diz Estêvão, apoiado por Teresa, “o trabalho aqui nunca acaba, há sempre coisas para fazer, coisas novas, nada é rotineiro, e quando gostamos daquilo que fazemos, fazemo-lo com prazer, damo-nos de alma e coração. Era assim também na minha profissão. A diferença é que aqui existe uma paz que não existia em Lisboa”.»

Disponível em <http://www.noticiasmagazine.pt/2014/viver-no-campo/#ixzz4b2QNpIXd>
(consultado em 11 de março de 2017)

Num texto bem estruturado, de duzentas a trezentas palavras, defende um ponto de vista pessoal sobre a opção de vida no campo ou na cidade.

Fundamenta o teu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustra cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

Teste de avaliação 7

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 3 – Poetas contemporâneos

Grupo I

Apresenta as tuas respostas de forma bem estruturada.

A

Lê o seguinte poema de Ana Luísa Amaral.

Coisas de luz antigas

Aquele namorado que tinha
um nome bom: há quanto tempo foi?
A vida resvalante como gelo
e aquele namorado de nome bom
5 e férias, ficou perdido em luz,
mais de vinte anos.

Deu-me uma vez a mão
um beijo resvalante à hora de deitar
e na pensão. Mas tinha um nome bom.
10 falava de cinema e calçava de azul
e um bigode curtinho,
que escorregou aceso como gelo
no centro da pensão.

Rasguei as cartas dele
15 há quinze anos, em dia de gavetas
e de luz, e nem fotografia me ficou
de desarrumação. Mas tinha um nome bom,
falava de cinema e calçava de azul
e resvalou-me quente como gelo
20 à hora de deitar:

um namorado sem falar
de amor

(que a timidez maior
e o quarto dos meus pais
25 nessa pensão
no mesmo corredor).

Ana Luísa Amaral, «Coisas de luz antigas», in *Inversos. Poesia 1990-2010*,
Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2010, p. 281.
Lisboa, Publicações D. Quixote, 2010.

1. Explica a importância da transgressão como fator de prolongamento de memórias do sujeito poético.
2. Assinala três fatores que indiciavam a efemeridade do relacionamento entre os dois «namorados».
3. Apresenta uma proposta de interpretação para o título do poema.

B

Lê a seguinte cantiga de D. Dinis.

Amigo, pois vos nom vi,
 nunca folguei nem dormi,
 mais ora já des aqui¹
 que vos vejo, folgarei
 5 e verei prazer de mi,
 pois vejo quanto bem hei.

Pois vos nom pudi veer,
 jamais nom houi lezer²,
 e, u³ vos Deus quis trager⁴,
 10 que vos vejo, folgarei
 e verei de mim prazer,
 pois vejo quanto bem hei.

Des que vos nom vi, de rem⁵
 nom vi prazer e o sem⁶
 15 perdi, mais, pois que mi avém⁷
 que vos vejo, folgarei
 e verei todo meu bem,
 pois vejo quanto bem hei.

De vos veer a mim praz⁸
 20 tanto que muito é assaz⁹,
 mais, u m'este bem Deus faz
 que vos vejo, folgarei
 e haversei gram solaz¹⁰,
 pois vejo quanto bem hei.

In *Cantigas Medievais Galego-Portuguesas*, Lisboa, FCSH – Instituto de Estudos Medievais
 (disponível em <http://cantigas.fcsh.unl.pt>, consultado em 11 de março de 2017).

¹ *des aqui*: a partir de agora; ² *lezer*: descanso; ³ *u*: quando; ⁴ *trager*: trazer; ⁵ *rem*: nada; ⁶ *sem*: juízo, senso; ⁷ *avém*: sucede;
⁸ *praz*: agrada; ⁹ *que muito é assaz*: que é de facto muitíssimo; ¹⁰ *solaz*: prazer.

4. Justifica a presença de sentimentos contrastantes presentes no poema, apresentando as suas causas e consequências.
5. O tema do amor faz parte da tradição literária.
 - 5.1 Compara a forma como o tema é abordado nos poemas apresentados em A e B.

Grupo II

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, seleciona a opção correta, indicando o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

Lê atentamente o seguinte texto.

Uma alternativa aos contos de fadas

A pensar nas mulheres de amanhã, uma nova coleção de livros infantis chega às livrarias. A tempo de comemorar o Dia Internacional da Mulher, apresenta-se com o nome «Antiprincesas». Querem ser uma alternativa aos contos de fadas.

Se está farto de ler livros à sua filha habitados por heroínas que são vítimas, órfãs ou salvas por um príncipe em cima de um cavalo branco, esta pode ser uma boa alternativa para si. A coleção «Antiprincesas» chegou às livrarias esta sexta-feira e tem honras de lançamento oficial no Capitólio, em Lisboa, no Dia Internacional da Mulher, a 8 de março (às 18h30). A iniciativa partiu da empresa municipal EGEAC, que encontrou na editora Tinta-da-China o parceiro ideal para a publicação da coleção, de naturalidade argentina. Os textos são da jornalista Nadia Fink e as ilustrações de Pitu Saá - e uma das ideias é combater os estereótipos de género. Por isso, as quatro mulheres retratadas são a pintora mexicana Frida Kahlo, a escritora brasileira Clarice Lispector, a artista chilena Violeta Parra e a guerreira boliviana Juana Azurduy. Todas levaram vidas extraordinárias, romperam com os padrões da sua época e não se encaixaram nos cânones convencionais.

Em certa medida, elas são o oposto das princesas Disney, os antípodas das personagens femininas dos contos de fadas. [...]

Um livro bom para filhos e pais

Madalena Alfaia, da editora Tinta-da-China, explica que a iniciativa de lançar esta coleção em português partiu da empresa lisboeta EGEAC, no âmbito do Programa «Lisboa por Dentro». O lançamento oficial acontece a 8 de março, Dia Internacional da Mulher, no Teatro Capitólio, e coincide com a estreia de uma curta-metragem sobre a vida de Violeta Parra, «Cantar com Sentido», e um concerto de Mallu Magalhães. Questionada sobre o simbolismo do lançamento nesta data, Madalena assume: «Portugal é um país machista. Nem devia ser preciso provar que as mulheres podem fazer o mesmo que os homens – devia ser uma evidência. Mas a prova de que esta coleção fazia falta é a reação que temos tido. Muitos pais têm feito saber a sua alegria por poderem ter acesso à coleção em Portugal», conta.

Explica que estes livros «combatem estereótipos de género, numa idade em que estes ainda partem dos pais para os filhos, e não o contrário». Na verdade, esta coleção destina-se a crianças mais velhas, se a quiserem ler sozinhas. «Sempre fomos uma editora de causas, e as antiprincesas são muito bem-vindas», afiança. Acrescenta: «Um livro só pode ser bom para as crianças se também for bom para os pais». Acredita que esta coleção faz isso mesmo.

Madalena defende que «os contos de fadas têm o seu papel, mas as fadas vivem em universos muito distantes. Alimentam a imaginação, mas não têm o fator de identificação que as crianças também procuram. Parece-nos importante que as crianças percebam que não precisam de superpoderes nem de viver em palácios para encontrar o seu lugar no mundo», diz. Além disso, «estas mulheres reais, que foram extraordinárias, cheias de complexidades – era difícil inventá-las». Pelo facto de serem mulheres de carne e osso, não quer dizer que não inspirem e não façam sonhar. «Estas

40 mulheres tiveram sonhos reais e foram atrás deles», defende Madalena. «Um sonho não tem de ser uma fantasia inalcançável». Na coleção «Antiprincesas», pode não se «viver feliz para sempre», mas também se pode ficar com uma noção mais real do que é a vida. E perceber que as mulheres reais são capazes de atos tão heroicos como os Super-heróis. Só não precisam de capa.

Katya Delimbeuf, in *Expresso* (disponível em <http://expresso.sapo.pt/cultura/2017-03-04-Uma-alternativa-aos-contos-de-fadas>; consultado em 10 de março de 2017).

1. No contexto em que ocorre, a expressão «combater os estereótipos de género» (l. 10) significa
 - (A) combater trabalhos relacionados com o género.
 - (B) lutar contra diferentes tipos de género.
 - (C) lutar contra ideias pré-concebidas relacionadas com o género.
 - (D) divulgar diferentes ideias relacionadas com a questão das diferenças de género.
2. As quatro mulheres retratadas no livro «Antiprincesas» têm em comum o facto de
 - (A) terem criado novos padrões de vida que se transformaram em convenções na época em que viveram.
 - (B) as suas vidas extraordinárias não respeitarem os modelos intemporais de uma forma de viver feminina.
 - (C) as suas vidas se terem compatibilizado com os modelos convencionais.
 - (D) terem tido vidas desenquadradas dos modelos do seu tempo.
3. O constituinte «de amanhã» (l. 1) tem a função sintática de
 - (A) modificador do nome restritivo.
 - (B) modificador do nome apositivo.
 - (C) complemento do nome.
 - (D) complemento do adjetivo.
4. A palavra EGEAC (l. 8), que significa Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural de Lisboa, ilustra um processo irregular de formação de palavras designado
 - (A) acrónimo.
 - (B) sigla.
 - (C) truncação.
 - (D) empréstimo.

5. Na frase «Por isso, as quatro mulheres retratadas são a pintora mexicana Frida Kahlo, a escritora brasileira Clarice Lispector, a artista chilena Violeta Parra e a guerreira boliviana Juana Azurduy» (ll. 10-12) está presente um processo de
- (A) coesão lexical por hiperonímia-hiponímia.
 - (B) coesão lexical por holonímia-meronímia.
 - (C) coesão lexical por sinonímia.
 - (D) coesão referencial.
6. A localização temporal no segmento «O lançamento oficial acontece a 8 de março, Dia Internacional da Mulher, no Teatro Capitólio» (l. 20) faz-se por meio
- (A) da flexão verbal.
 - (B) da flexão verbal e de uma expressão de tempo.
 - (C) da flexão verbal, de uma expressão de tempo e de um modificador do nome apositivo.
 - (D) de uma expressão de tempo e de um modificador do nome apositivo.
7. A frase «Portugal é um país machista» (l. 23) tem um valor aspetual gramatical
- (A) habitual.
 - (B) perfetivo.
 - (C) imperfetivo.
 - (D) genérico.
8. Identifica a modalidade e o seu valor, se for caso disso, presente na frase «Nem devia ser preciso provar que as mulheres podem fazer o mesmo que os homens – devia ser uma evidência» (ll. 23-24).
9. Classifica a oração «se também for bom para os pais» (ll. 30-31).
10. Classifica o texto quanto ao género, apresentando três marcas específicas de género.

Grupo III

Em 2007, o Conselho da Europa defendeu ser fundamental «promover uma cultura democrática em meio escolar que inclua a adoção de práticas educativas destinadas a incrementar a capacidade de participação e de ação das raparigas e dos rapazes.»

Conselho da Europa, *CM/Rec*, 13.

Num texto bem estruturado, de duzentas a trezentas palavras, defende um ponto de vista pessoal sobre a educação para a igualdade de género.

Fundamenta o teu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustre cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

Teste de avaliação 8

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 4 – O Ano da Morte de Ricardo Reis, José Saramago

Grupo I

Apresenta as tuas respostas de forma bem estruturada.

A1

Lê atentamente o texto seguinte.

Não volto aqui, dissera Lídia, e é ela quem neste momento bate à porta. Traz no bolso a chave da casa, mas não se serve dela, tem os seus melindres, disse que não voltaria, mal parecia agora meter a chave à porta como em casa sua, que nunca foi, hoje ainda menos, se esta palavra nunca admite redução, admitamo-la nós, que das palavras não conhecemos o último destino. [...] Lídia tem os olhos vermelhos e inchados, talvez depois de grande luta com o seu nascente amor de mãe tenha acabado por resolver fazer o desmancho [...]. Ela diz, Desculpe, senhor doutor, não tenho podido vir, mas quase sem transição emendou, Não foi por isso, pensei que já não lhe fazia falta, tornou a emendar, Sentia-me cansada desta vida, e tendo dito ficou à espera, pela primeira vez olhou de frente para Ricardo Reis, achou-o com um ar envelhecido, estará doente, Tens-me feito falta, disse ele, e calou-se, dissera tudo o que havia para dizer. [...] Por que é que não te sentas, e depois, Conta-me o que se passa, então Lídia começa a chorar baixinho, É por causa do menino, pergunta ele, e ela acena que não, lança-lhe mesmo, em meio das lágrimas, um olhar repreensivo, finalmente desabafa, É por causa do meu irmão. [...] É que, interrompeu-se para enxugar os olhos e assoar-se, é que os barcos vão revoltar-se, sair para o mar, Quem to disse, Foi o Daniel em grande segredo, mas eu não consigo guardar este peso para mim, tinha de desabafar com uma pessoa de confiança, pensei no senhor doutor, em quem mais havia de pensar, não tenho ninguém, a minha mãe não pode nem sonhar. Ricardo Reis espanta-se por não reconhecer em si nenhum sentimento, talvez isto é que seja o destino, sabermos o que vai acontecer, sabermos que não há nada que o possa evitar, e ficarmos quietos, olhando, como puros observadores do espetáculo do mundo, ao tempo que imaginamos que este será também o nosso último olhar, porque com o mesmo mundo acabaremos, Tens a certeza, perguntou, mas disse-o somente porque é costume dar a nossa cobardia ao destino essa última oportunidade de voltar atrás, de arrepender-se. Ela acenou que sim, chorosa, esperando pelas perguntas apropriadas, aquelas a que só podem ser dadas respostas diretas, se possível um sim ou um não, mas trata-se de proeza que está acima das humanas capacidades.

José Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, Editorial Caminho, Alfragide, 1984, pp. 566-567.

1. Comenta o relacionamento entre Ricardo Reis e Lídia, tendo em conta a globalidade do texto.
2. Considerando o perfil de Ricardo Reis, clarifica o significado de «puros observadores do espetáculo do mundo» (ll. 19-20).
3. Seleciona um excerto do texto em que o tom oralizante seja evidenciado pela pontuação, justificando a tua escolha.

Lê atentamente o texto seguinte.

Dorme Baltasar no lado direito da enxerga, desde a primeira noite aí dorme, porque é desse lado o seu braço inteiro, e ao voltar-se para Blimunda pode, com ele, cingi-la contra si, correr-lhe os dedos desde a nuca até à cintura, mais abaixo ainda se os sentidos de um e do outro despertaram no calor do sono e na representação do sonho, ou já acordadíssimos iam quando se deitaram, que este casal, ilegítimo por sua própria vontade, não sacramentado na igreja, cuida pouco de regras e respeitos, e se a ele apeteceu, a ela apetececerá, e se ela quis, quererá ele. Talvez ande por aqui obra de outro mais secreto sacramento, a cruz e o sinal feitos e traçados com o sangue da virgindade rasgada, quando, à luz amarela do candil, estando ambos deitados de costas, repousando, e, por primeira infração aos usos, nus como suas mães os tinham parido, Blimunda recolheu da enxerga, entre as pernas, o vivíssimo sangue, e nessa espécie comungaram, se não é heresia dizê-lo ou, maior ainda, tê-lo feito. Meses inteiros se passaram desde então, o ano é já outro, ouve-se cair a chuva no telhado, há grandes ventos sobre o rio e a barra, e, apesar de tão próxima a madrugada, parece escura noite. Outro se enganaria, mas não Baltasar, que sempre acorda à mesma hora, muito antes de nascer o sol, hábito inquieto de soldado, [...] até que um leve rumor acorda Blimunda e outro som começa e se prolonga, infalível, é Blimunda a comer o seu pão, e depois que o comeu abre os olhos, vira-se para Baltasar e descansa a cabeça sobre o ombro dele, ao mesmo tempo que pousa a mão esquerda no lugar da mão ausente, braço sobre braço, pulso sobre pulso, é a vida, quanto pode, emendando a morte. Mas hoje não será assim. [...]

Quando Blimunda acorda, estende a mão para o saquitel onde costuma guardar o pão, pendurado à cabeceira, e acha apenas o lugar. Tateia o chão, a enxerga, mete as mãos por baixo da travesseira, e então ouve Baltasar dizer, Não procures mais, não encontrarás, e ela, cobrindo os olhos com os punhos cerrados, implora, Dá-me o pão, Baltasar, dá-me o pão, por alma de quem lá tenhas, Primeiro me terás de dizer que segredos são estes, Não posso, gritou ela, e bruscamente tentou rolar para fora da enxerga, mas Sete-Sóis deitou-lhe o braço são, prendeu-a pela cintura, ela debateu-se brava, depois passou-lhe a perna direita por cima, e assim libertada a mão, quis afastar-lhe os punhos dos olhos, mas ela tornou a gritar, espavorida, Não me faças isso, e foi o grito tal que Baltasar a largou, assustado, quase arrependido da violência, Eu não te quero fazer mal, só queria saber que mistérios são, Dá-me o pão, e eu digo-te tudo, Juras, Para que serviriam juras se não bastassem o sim e o não, Aí tens, come, e Baltasar tirou o taleigo de dentro do alforje que lhe servia de travesseira.

José Saramago, *Memorial do convento*, Editorial Caminho, Alfragide, 2013, pp. 99-101.

1. Comenta o relacionamento entre Baltasar e Blimunda, tendo em conta a globalidade do texto.
2. Considerando a excecionalidade de Blimunda, clarifica o significado de «só queria saber que mistérios são» (ll. 27-28).
3. Seleciona um excerto do texto em que o tom oralizante seja evidenciado pela pontuação, justificando a tua escolha.

B

Lê atentamente o soneto de Camões.

Está-se a Primavera trasladando¹
Em vossa vista deleitosa e honesta;
Nas belas faces, e na boca e testa,
Cecéns², rosas, e cravos debuxando³.

- 5 De sorte, vosso gesto matizando⁴,
Natura⁵ quanto pode manifesta,
Que o monte, o campo, o rio, e a floresta,
Se estão de vós, Senhora, namorando⁶.

- Se agora não quereis que quem vos ama
10 Possa colher o fruto destas flores,
Perderão toda a graça os vossos olhos.

Porque pouco aproveita, linda Dama,
Que semeasse o Amor em vós amores,
Se vossa condição produz abrolhos⁷.

Luís de Camões, *Rimas*, Coimbra, Livraria Almedina, 1994.

¹ *Trasladando*: deslocando, mudando.

² *Cecéns*: açucenas.

³ *Debuxando*: desenhando, delineando.

⁴ *Matizando*: colorindo, pintando.

⁵ *Natura*: Natureza.

⁶ *Namorando*: enamorando.

⁷ *Abrolhos*: espinhos.

4. Nas duas quadras, o sujeito poético apresenta uma caracterização. Refere o objeto descrito e as suas particularidades.
5. Relaciona o sentido do último verso «Se vossa condição produz abrolhos» (v. 14) com o conteúdo dos tercetos.

Grupo II

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, seleciona a opção correta, indicando o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

Lê atentamente o seguinte texto.

1982

A 29 de outubro recebe os primeiros exemplares de *Memorial do Convento*, editado pela Caminho. O lançamento do romance, que o consagrará internacionalmente, tem lugar a 4 de novembro. Desta obra, que atesta a originalidade literária do escritor e a sua insólita capacidade efabuladora, disse [Saramago] em 1983: «Este livro não seria o que é se a técnica narrativa fosse outra. Só esta técnica, só este modo de contar é que permite que o narrado seja narrado assim. É um narrado diferente daquele que seria se narrasse segundo os moldes tradicionais.» [...] «Atraiu-me na história do convento de Mafra o esforço e o sacrifício dos milhares de homens que trabalharam na construção de monumentos à vaidade de um rei e ao poder da Igreja.»

- 10 *Memorial do Convento* é um relato sobre a desmesura do poder, mas também sobre a ambição de liberdade que lateja no ser humano e a ameaça da repressão e do obscurantismo. Não renuncia, por outro lado, a questionar a verdade oficial, acrescentando novas perspetivas, novas abordagens dos factos, um olhar inédito que desestabiliza as convenções. A iluminação da fantasia, o poder de efabulação do autor sublinham a dimensão mágica do real, ao mesmo tempo que criam
- 15 personagens comoventes como Blimunda, Baltasar Sete-Sóis ou o Padre Bartolomeu Lourenço.

- Saramago entende que a História - que, literariamente, concebe em termos sincrónicos - é um modo de ficção, em que os enterrados e esquecidos reclamam que se reveja o rasto que deixaram na vida. Neste sentido, o romance é capaz de «corrigir» a História, isto é, de acrescentar novas perspetivas, novas paisagens, com base numa atitude literária que pretende entender o presente e transformá-lo, e não fazer «arqueologia» do passado [...].
- 20 [...]

1984

A 18 de junho entrega à Caminho *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, que será apresentado publicamente a 3 de novembro. [...]

- Sobre este romance, comentará: «É o lugar onde eu pretendi, para além do mais que o livro tenha - e tem mais coisas -, dizer ao Ricardo Reis: Sábio é o homem que se contenta com o espetáculo do mundo? Se tu achas isso, aqui tens o espetáculo do mundo que é o ano da tua morte, o ano de 1936: “Isto não significa, no entanto, que Ricardo Reis deixe de ser quem é, pois conserva-se contemplador até à última página e não é modificado por essa confrontação”.»
- 25

- Noutra reflexão, a propósito de *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, [...] explicaria: «O que me levou ao livro [*O Ano da Morte de Ricardo Reis*] foi uma questão por resolver entre mim e Ricardo Reis, mais do que verdadeiramente o caso Pessoa e os heterónimos, que é muito mais complexo do que eu poderia ter dado num livro (que, afinal, exclui todos os outros, embora haja simples alusões ou referências a Álvaro de Campos e Alberto Caeiro) [...]. Aquilo que me intrigava particularmente - e já então era como se eu tomasse o Ricardo Reis só, como se ele fosse
- 30 um poeta que não tivesse nada a ver com Pessoa e os outros heterónimos - era, justamente, aquela indiferença em relação ao mundo. Quando ponho como uma das epígrafes deste romance “Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo”, isto é qualquer coisa que desde sempre me irritou.

40 Mas há entre mim e o Ricardo Reis uma espécie de fenómeno de atração e repulsão e, por outro lado, admiro-o até no seu próprio comportamento em relação à vida, como se em mim houvesse uma necessidade de distância, o que até parece altamente contraditório com todo o meu empenhamento político e militante - mas o homem é o lugar de todas as contradições.»

Fernando Gómez Aguilera, *José Saramago: a consistência dos sonhos – Cronobiografia*, Editorial Caminho, Alfragide, 2008, pp. 94-98 (texto adaptado).

1. Segundo o autor do texto, *Memorial do Convento* possibilitou
 - (A) adicionar mais uma importante obra à vasta bibliografia do autor.
 - (B) o reconhecimento nacional do autor.
 - (C) a notabilização além fronteiras do autor.
 - (D) uma edição sem precedentes do autor.
2. Para Saramago, um dos aspetos distintivos de *Memorial do Convento* é o
 - (A) inovador recurso à técnica narrativa tradicional.
 - (B) desenvolvimento de uma técnica narrativa inovadora.
 - (C) seu conteúdo histórico.
 - (D) seu conteúdo ficcional.
3. A ação da obra, *Memorial do Convento*, visa
 - (A) proporcionar um olhar histórico sobre o tempo da construção do convento.
 - (B) homenagear o rei construtor deste monumento grandioso.
 - (C) dar a conhecer novas perspetivas e paisagens do nosso país.
 - (D) romover um olhar original e corretor sobre a história da construção do monumento.
4. Um dos objetivos de Saramago com a obra *O Ano da Morte de Ricardo Reis* é
 - (A) confrontar o protagonista com o espetáculo do mundo em 1936.
 - (B) modificar o perfil psicológico de Ricardo Reis perante o espetáculo do mundo em 1936.
 - (C) questionar o verso de Reis em epígrafe perante o espetáculo do mundo em 1936.
 - (D) corroborar o verso de Reis em epígrafe face ao espetáculo do mundo em 1936.
5. Relativamente ao verso de Reis em epígrafe, Saramago confessa sentir
 - (A) preocupação.
 - (B) irritação.
 - (C) inquietação.
 - (D) indiferença.

6. As orações subordinadas presentes em «Saramago entende que a História – que, literariamente, concebe em termos sincrónicos – é um modo de ficção» (II.16-17) são, respetivamente:
- (A) adjetiva relativa restritiva e substantiva completiva.
 - (B) substantiva completiva e adjetiva relativa restritiva.
 - (C) adjetiva relativa restritiva e adjetiva relativa restritiva.
 - (D) substantiva completiva e adjetiva relativa explicativa.
7. O segmento textual («mas o homem é o lugar de todas as contradições», I. 41) tem um valor aspetual
- (A) genérico.
 - (B) pontual.
 - (C) iterativo.
 - (D) durativo.
8. Reconhece a modalidade presente em «o romance é capaz de "corrigir" a História» (I. 18).
9. Indica o antecedente do constituinte sublinhado em «o que até parece altamente contraditório» (I. 40).
10. Identifica a função sintática do constituinte sublinhado em «Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo.»

Grupo III

Relê atentamente a reflexão de José Saramago, presente no texto do Grupo II.

«o homem é o lugar de todas as contradições»

Num texto bem estruturado, de duzentas a trezentas palavras, defende um ponto de vista pessoal sobre a reflexão transcrita.

Fundamenta o teu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustra cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

Teste de avaliação 9

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Unidade 4 – José Saramago – *O Ano da Morte de Ricardo Reis* / *Memorial do Convento*

Grupo I

Apresenta as tuas respostas de forma bem estruturada.

A1

Lê o seguinte excerto de *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, de José Saramago.

A regeneração da Europa caminha a passos de gigante, primeiro foi a Itália, depois Portugal, a seguir a Alemanha, agora a Espanha, esta é a boa terra, esta a semente melhor, amanhã ceifaremos as messes. Como escreveram os estudantes alemães, Nós não somos nada, aquilo mesmo que murmuraram, uns para os outros, os escravos que construíram as pirâmides, Nós não
5 somos nada, os pedreiros e os boieiros de Mafra, Nós não somos nada, os alentejanos mordidos pelo gato raivoso, Nós não somos nada, os beneficiários dos bodos misericordiosos e nacionais, Nós não somos nada, os do Ribatejo a favor de quem se fez a festa do Jockey Club, Nós não somos nada, os sindicatos nacionais que em maio desfilarão de braço estendido, Nós não somos nada, porventura nascerá para nós o dia em que todos seremos alguma coisa, quem isto agora
10 disse não se sabe, é um pressentimento.

À Lídia, que também tão pouco é, fala Ricardo Reis dos sucessos do país vizinho, ela conta-lhe que os espanhóis do hotel celebraram o acontecimento com uma grande festa [...]. E tu, perguntou Ricardo Reis, que pensas tu da Espanha, do que lá se está a passar, Eu não sou nada, não tenho instrução, o senhor doutor é que deve saber, com tantos estudos que fez para chegar à
15 posição que tem, acho que quanto mais alto se sobe, mais longe se avista, Assim em cada lago a lua toda brilha, porque alta vive¹, O senhor doutor diz as coisas duma maneira tão bonita, Aquilo, em Espanha, estava uma balbúrdia, uma desordem, era preciso que viesse alguém pôr cobro aos desvarios, só podia ser o exército, como aconteceu aqui, é assim em toda a parte, São assuntos de que eu não sei falar, o meu irmão diz, Ora, o teu irmão, nem preciso de ouvir falar o teu irmão
20 para saber o que ele diz, Realmente, são duas pessoas muito diferentes, o senhor doutor e o meu irmão, Que diz ele, afinal, Diz que os militares não ganharão porque vão ter todo o povo contra eles, Fica sabendo, Lídia, que o povo nunca está de um lado só, além disso, faz-me o favor de me dizeres o que é o povo, O povo é isto que eu sou, uma criada de servir que tem um irmão revolucionário e se deita com um senhor doutor contrário às revoluções [...].

José Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, 21.^a ed., Alfragide, Editorial Caminho, 2013, pp. 525-526.

¹ Ode de Ricardo Reis: «Para ser grande, sê inteiro: nada / Teu exagera ou exclui. / Sê todo em cada coisa. Põe quanto és / No mínimo que fazes. / Assim em cada lago a lua toda / Brilha, porque alta vive.»

1. Explicita as críticas veiculadas pelo narrador no primeiro parágrafo, fundamentando a tua resposta com citações textuais pertinentes.
2. Interpreta a manifestação de intertextualidade com a ode de Ricardo Reis (ver nota 1 do texto A1), relacionando-a com as palavras anteriores de Lídia.
3. Explica de que forma as intervenções de Lídia contribuem para a sua caracterização.

A2

Lê o excerto que se segue de *Memorial do Convento*, de José Saramago.

Dizem que o reino anda mal governado, que nele está de menos a justiça, e não reparam que ela está como deve estar, com sua venda nos olhos, sua balança e sua espada, que mais queríamos nós, era o que faltava, sermos os tecelões da faixa, os aferidores dos pesos e os alfagemes do cutelo, constantemente remendando os buracos, restituindo as quebras, amolando os fios, e enfim perguntando ao justicado se vai contente com a justiça que se lhe faz, ganhado ou perdido o pleito. Dos julgamentos do Santo Ofício não se fala aqui, que esse tem bem abertos os olhos, em vez de balança um ramo de oliveira, e uma espada afiada onde a outra é romba e com bocas. Há quem julgue que o raminho é oferta de paz, quando está muito patente que se trata do primeiro graveto da futura pilha de lenha, ou te corto, ou te queimo, por isso é que, havendo que faltar à lei, mais vale apunhalar a mulher, por suspeita de infidelidade, que não honrar os fiéis defuntos, a questão é ter padrinhos que desculpem o homicídio e mil cruzados para pôr na balança, nem é para outra coisa que a justiça a leva na mão. Castiguem-se lá os negros e os vilões para que não se perca o valor do exemplo, mas honre-se a gente de bem e de bens, não lhe exigindo que pague as dívidas contraídas, que renuncie à vingança, que emende o ódio, e, correndo os pleitos¹, por não se poderem evitar de todo, venham a rabulice², a trapaça, a apelação, a praxe, os ambages³, para que vença tarde quem por justa justiça deveria vencer cedo, para que tarde perca quem deveria perder logo. É que, entretanto, vão-se mungindo as tetas do bom leite que é o dinheiro, requeijão precioso, supremo queijo, manjar de meirinho e solicitador, de advogado e inquiridor, de testemunha e julgador, se falta algum é porque o esqueceu o padre António Vieira e agora não lembra.

Estas são as justiças visíveis. Das invisíveis, o menos que se poderia dizer é que são cegas e desastradas, como ficou definitivamente demonstrado naufragando o barco em que vinham de caçar na outra banda do Tejo o infante D. Francisco e o infante D. Miguel, ambos manos de el-rei, deu-lhes uma rajada de vento sem avisar e virou-lhes a vela, caso foi ele que morreu afogado D. Miguel e se salvou D. Francisco, quando honrada justiça seria o contrário, conhecidas como são as maldades deste, desencaminhar a rainha, cobiçar o trono de el-rei, dar tiros em marinheiros, ao passo que do outro não constam, ou são de somenos.

José Saramago, *Memorial do Convento*, 53ª ed., Alfragide, Editorial Caminho, 2013, pp. 255-257.

¹ *Pleitos*: questões judiciais;

² *Rabulice*: contestação astuciosa, argúcia judicial;

³ *Ambages*: evasivas, rodeios.

1. Explicita as críticas à justiça veiculadas pelo narrador, fundamentando a tua resposta com citações textuais pertinentes.
2. Identifica e interpreta a manifestação de intertextualidade presente no final do primeiro parágrafo.
3. Interpreta a referência às justiças «invisíveis», considerando a totalidade do parágrafo.

B

Lê o seguinte excerto do *Sermão de Santo António aos Peixes*, do Padre António Vieira.

Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não; não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos, e para o Sertão? Para cá, para cá; para a Cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os Tapuias se comem uns aos outros; muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças, e cruzar as ruas; vedes aquele subir, e descer as calçadas, vedes aquele entrar, e sair sem quietação, nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer.

Morreu algum deles, vereis logo tantos sobre o miserável a despedaçá-lo, e comê-lo. Comem-no os herdeiros, comem-no os testamenteiros, comem-no os legatários, comem-no os acredores; comem-no os oficiais dos órfãos, e os dos defuntos, e ausentes; come-o o Médico, que o curou, ou ajudou a morrer; come-o o sangrador, que lhe tirou o sangue; come-a a mesma mulher, que de má vontade lhe dá para a mortalha o lençol mais velho da casa, come-o o que lhe abre a cova, o que lhe tange os sinos, e os que, cantando, o levam a enterrar: enfim, ainda o pobre defunto o não comeu a terra, e já o tem comido toda a terra. Já se os homens se comeram somente depois de mortos, parece que era menos horror e menos matéria de sentimento. Mas para que conheçais a que chega a vossa crueldade, considerai, peixes, que também os homens se comem vivos assim como vós. [...]

Vede um homem desses que andam perseguidos de pleitos ou acusados de crimes, e olhai quantos o estão comendo. Come-o o Meirinho, come-o o Carcereiro, come-o o Escrivão, come-o o Solicitador, come-o o Advogado, come-o o Inquiridor, come-o a Testemunha, come-o o Julgador, e ainda não está sentenciado, e já está comido. São piores os homens que os corvos. O triste que foi à força, não o comem os corvos senão depois de executado, e morto; e o que anda em juízo, ainda não está executado, nem sentenciado, e já está comido. [...]

Pois isto mesmo é o que vós fazeis. Os maiores comeis os pequenos; e os muito grandes não só os comem um por um, senão os cardumes inteiros, e isto continuamente sem diferença de tempos, não só de dia, senão também de noite, às claras e às escuras, como também fazem os homens.

Padre António Vieira, *Padre António Vieira: Obra completa* (dir. José Eduardo Franco e Pedro Calafate), tomo II, volume X, *Sermões Hagiográficos*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2013, pp. 149-153.

4. Explicita os sentidos atribuídos ao verbo «comer» no primeiro parágrafo do excerto, fundamentando a tua resposta com expressões textuais.
5. Relaciona as repreensões aos peixes com o carácter alegórico do Sermão.

Grupo II

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, seleciona a opção correta, indicando o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

Lê atentamente o seguinte texto.

Site da BBC dá destaque a «país que adora estar triste»

Com o título «O país europeu que ama estar triste», a crónica publicada na BBC refere que em Portugal ninguém deseja um bom dia a ninguém. Se perguntar a um português «como está?», a resposta mais entusiasmada que poderá receber é um «so, so», ou seja, um «mais ou menos». Aparentemente, somos um povo contente por ser descontente – por isso, ninguém deve sentir pena dos portugueses.

Eric não acha que isto seja mau. Pelo contrário. Considera, inclusivamente, que Portugal tem muito para ensinar lá fora, nomeadamente acerca da beleza e da alegria escondidas por detrás da tristeza.

Como é que Eric Weiner conseguiu perceber isto tudo? Passando um bom tempo – não especifica quanto – em Portugal e falando com muitos portugueses (inclusivamente com a fadista Cuca Roseta).

- 10 Eric é um premiado jornalista norte-americano, autor do *bestseller* do *New York Times* «*The Geography of Bliss*». Tem uma coluna na BBC Travel chamada «The Places that Change You» e é neste segmento que se insere o artigo sobre Portugal.

- 15 Tentar perceber o significado da palavra saudade foi um grande desafio que enfrentou em Portugal. Diziam-lhe que não havia tradução possível, mesmo «antes de procederem à tradução», brinca. O que é que ele entendeu? Que «a saudade é um anseio, o sofrimento por uma pessoa, lugar ou experiência que uma vez nos trouxe grande prazer. É semelhante à nostalgia mas, ao contrário do que acontece com a nostalgia, é possível sentir saudade por algo que nunca aconteceu e provavelmente nunca vai acontecer».

- 20 Em Lisboa, bebeu um café no Largo de Camões, passou pelo Cais do Sodré e pelo Chiado. Por esses sítios, encontrou uma psicóloga e um inspetor da polícia que o ajudaram a perceber duas coisas. Primeiro, que a saudade nos permite sentir mais e que evitá-la só nos diminui. Segundo, que a pior coisa que se pode fazer a um português triste é tentar animá-lo.

- 25 Da mesma forma que Eric Weiner não poderia sair de Portugal sem ouvir fado, também não poderia escrever uma crónica que falasse de saudade sem mencionar o fado. Foi ouvir este estilo lusitano ao Clube de Fado e garante que «ninguém faz música triste como os portugueses».

Já no Estoril, encontrou-se com a fadista Cuca Roseta que lhe explicou que, neste tipo de música, o fadista se entrega ao público. Percebeu que a melodia desta nova geração do fado se mantém, mas que a letra era ligeiramente mais otimista. Acaba a crónica com uma suposição: «um sinal de que o caso amoroso entre Portugal e a “tristeza alegre” está a diminuir? Espero que não».

In *Visão*, 3 de dezembro de 2016
(disponível em <http://visao.sapo.pt/actualidade/sociedade/>; consultado em março de 2017).

1. A imagem que os portugueses passam para o exterior é, segundo Eric Weiner, a de
 - (A) um povo recatado.
 - (B) um povo isolado.
 - (C) um país deprimido.
 - (D) um povo que faz a cultura da tristeza
2. O cronista considera esta característica lusa
 - (A) positiva, na medida em que a tristeza deve ser assumida.
 - (B) positiva, no sentido em que a tristeza tem uma expressão estética e cultural.
 - (C) positiva, no sentido em que destaca a cultura portuguesa das demais.
 - (D) negativa, porque revela uma cultura depressiva.
3. Eric Weiner, após analisar a palavra saudade,
 - (A) conseguiu encontrar uma palavra correspondente em inglês.
 - (B) tentou explicitar, da melhor forma, o seu sentido.
 - (C) encontrou no sinónimo «nostalgia» a sua tradução.
 - (D) não conseguiu traduzi-la, nem explicá-la.
4. Com Cuca Roseta, o cronista percebeu que o fado surge como
 - (A) uma expressão cultural triste, de acordo com a cultura da saudade.
 - (B) uma expressão cultural importante, porque expressa tristeza.
 - (C) uma expressão cultural alegre, ainda que enraizada nesta tradição saudosista.
 - (D) uma expressão cultural alegre, porque abandonou a tradição saudosista.
5. No excerto «Que "a saudade é um anseio, o sofrimento por uma pessoa, lugar ou experiência que uma vez nos trouxe grande prazer.» (ll. 15-16), as palavras sublinhadas são
 - (A) um pronome e uma conjunção, respetivamente.
 - (B) uma conjunção e um pronome, respetivamente.
 - (C) pronomes em ambos os contextos.
 - (D) conjunções em ambos os contextos.
6. Os vocábulos «Primeiro» (l. 21) e «Segundo» (l. 21) são mecanismos de construção da coesão
 - (A) lexical.
 - (B) frásica.
 - (C) interfrásica.
 - (D) referencial.

7. O constituinte sublinhado em «Eric Weiner não poderia sair de Portugal» (l. 23) desempenha a função sintática de
- (A) modificador.
 - (B) complemento direto.
 - (C) complemento indireto.
 - (D) complemento oblíquo.
8. Indica a função sintática do constituinte sublinhado em «Aparentemente, somos um povo contente por ser descontente» (l. 4).
9. Identifica o valor aspetual das situações descritas em «[...] encontrou uma psicóloga e um inspetor da polícia que o ajudaram a perceber duas coisas» (l. 20).
10. Classifica a oração subordinada presente em «ninguém faz música triste como os portugueses» (l. 25).

Grupo III

«Ainda que todos os juízes do mundo fossem homens justos, no sentido de serem, todos eles, sem exceção, rigorosos aplicadores de lei, nem assim o mundo estaria vivendo na santa paz da justiça. Os juízes formam-se e existem para acatar e fazer acatar as leis, mas as leis não são justas só por terem o nome de lei: dizer lei sempre foi o mesmo que dizer justiça. Na história dos povos multiplicam-se exemplos desta verdade.»

José Saramago

A partir do excerto transcrito, num texto bem estruturado, de duzentas a trezentas palavras, defende um ponto de vista pessoal sobre o conceito de justiça e a sua aplicação no mundo contemporâneo.

Fundamenta o teu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustra cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

Testes de avaliação

Teste 1

(p. 315)

Grupo I

A

1. Estabelece-se uma relação antitética entre o estado de espírito do sujeito poético e o contexto atmosférico envolvente. Apesar do dia apresentar condições atmosféricas agradáveis, como provam as expressões «Nenhuma chuva cai...», «ante o sol e o azul do dia» e «a luz e a sua alegria», o interior do sujeito poético revela-se em total desarmonia com esse sossego e felicidade, o que é visível através de expressões textuais como: «inútil agonia» (v. 4), «Eu quero sorrir-te, e não posso» (v. 7), «Ah, na minha alma sempre chove.» (v. 16).

2. Com as apóstrofes («ó claro céu?» (v. 6), «Ó céu azul» (v. 8) – 2.ª estrofe; «Ó claro dia exterior, / Ó céu mais útil que o meu pranto?» (vv. 22-23 – última estrofe), o sujeito poético interpela o céu, pretendendo obter uma resposta para a sua inquietação. Para isso, realiza pedidos que possam, de alguma forma, atenuar a sua dor existencial – «Quando é que eu serei da tua cor, / Do teu plácido e azul encanto» (vv. 20-21); isto é, indaga-se sobre a possibilidade de alguma vez deixar de sofrer.

3. Esta composição poética enquadra-se na temática pessoana - «A dor de pensar». O sujeito poético revela a sua tristeza e sofrimento «Eu sofro...» (v. 15); e refere, ainda, que «Há sempre escuro dentro em mim» (v. 17). A causa desse estado de ansiedade é apresentado metaforicamente (e em sinestesia) como o barulho da chuva, «E o escuro ruído da chuva / É constante em meu pensamento.» (vv. 9-10), que não o deixa viver em tranquilidade. Deseja, por isso, ser «contagiado» pelo bom tempo exterior, «Quando é que eu serei da tua cor, / Do teu plácido e azul encanto» (vv. 20-21), sinónimo de paz e harmonia.

B

4. A focalização nos pormenores do «vestido da rapariga que vai em [sua] frente», mormente no tecido e na sua gola («o bordado leve que orla a parte que contorna o pescoço» aciona a sua transfiguração: o primeiro é decomposto no «estofado de que se compõe» e «no trabalho com que o fizeram»; o segundo é desdobrado nas «fábricas e [n]os trabalhos» («separa-se-me em retrós de seda, com que se o bordou, e o trabalho que houve de o bordar»). Dá-se a metamorfose de algo banal e real em «secções das fábricas, as máquinas, os operários, as costureiras», «os escritórios», «os gerentes», estendendo-se a deambulação onírica do sujeito para o interior «de todos quantos trabalharam» na feitura do vestido da mulher, antevendo os seus «amores» e os seus segredos. Em suma, a deambulação física, que parte do concreto e do exterior (focalização nos objetos), transforma-se numa deambulação onírica, abstrata e interior, através da transfiguração do real pelo sujeito da enunciação.

5. A percepção do Absurdo é visível logo na frase inicial do texto, «Tudo é absurdo», comprovada pela reflexão do sujeito sobre a inutilidade da ação humana, inicialmente

de forma abstrata e depois, no penúltimo parágrafo, de modo concreto, quando salienta todo o trabalho e recursos humanos envolvidos na fabricação de uma «banalidade» (l. 24) que faz «inutilidades» (l. 24), revelando ter a consciência do Real e exprimindo o estranhamento que este provoca em si. Esta consciência é igualmente visível quando afirma, e atente-se na utilização do advérbio «só», que o seu percurso pelo «imaginário» é resultante da sua focalização num mero pormenor: «só porque tenho diante de mim [...] um orlar irregular regular verde-escuro sobre um verde-claro de vestido» (ll. 19-21).

Grupo II

1. (A);
2. (C);
3. (B);
4. (C);
5. (D);
6. (A);
7. (B).
8. «número[s]» (l. 9).
9. Modificador do nome apositivo.
10. Derivação não-afixal.

Grupo III

Sugestão de tópicos de resposta:

Sonhar faz parte do ser humano, assumindo uma grande importância na vida de cada um desde a infância, passando pela adolescência e prolongando-se pela vida adulta.

- A criança, através do sonho, entra num mundo imaginário onde pode ser tudo aquilo que desejar, desde ser rei ou rainha, príncipe ou princesa, cavaleiro ou super-herói, assumir o papel do seu herói preferido, ter a profissão que gostaria de desempenhar no futuro. São estes sonhos, estas viagens pelo imaginário que, muitas vezes, norteiam as nossas escolhas para o futuro, quando chega a altura de decidir o rumo a seguir.
- Na adolescência, os sonhos amadurecem, apesar de ainda se sonhar com o desempenho de uma determinada profissão, pois os interesses são outros. Sonha-se que se é cantor, ator ou atriz de cinema, modelo, jogador de futebol de renome mundial, um cientista que faz uma descoberta que revolucionará a humanidade, sonha-se com quem se ama, criando-se cenários idílicos, onde tudo é possível.
- Na idade adulta continua-se a sonhar, principalmente com uma vida melhor, nomeadamente a nível financeiro, o que vai dar origem a outros sonhos: uma casa, o carro ideal, as viagens que se gostaria de fazer, a formação que se gostaria de ter, ...
- Sonhar, seja em que idade for, permite ao ser humano esquecer o lado menos bom da vida, pois enquanto sonha não pensa nas suas mágoas, nos seus infortúnios, em suma, nas contrariedades do quotidiano.
- ...

Teste 2

(p. 320)

Grupo I

A

1. Esta opção classicista reflete-se na forma (composição em ode) e nas temáticas (a ataraxia epicurista; a aceitação e autodisciplina estoicas; o *carpe diem*). Também a referência à mitologia e tradições clássicas revela o gosto pela Antiguidade Clássica («Átropos», «Bacantes»).

2. A metáfora de morte tem como objetivo sublinhar o caráter avassalador do momento fatal, ao qual ninguém consegue escapar.

3. No poema, estão implícitas várias ideias filosóficas. Por exemplo:

– Epicurismo: o presente é o tempo que nos é concedido, privilegiando-se o prazer de cada momento, a busca da felicidade relativa e a ausência de perturbação (ataraxia) – «Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo», v. 1; «Para quem tudo é novo / E imarcescível sempre», vv. 4-5.

– Estoicismo: aceitação das leis do Destino e do Tempo – «E ele espera, contente quase e bebedor tranquilo», v. 16.

– Horacianismo: inutilidade do esforço e da indagação sobre o futuro – «Ele sabe que a vida / Passa por ele e tanto / Corta a flor como a ele / De Átropos a tesoura», vv. 7-10; *Carpe diem* – «Mas ele sabe fazer que a cor do vinho esconda isto, / Que o seu sabor orgiaco / Apague o gosto às horas», vv. 11-13.

B

4. Ao longo do poema, encontramos as dicotomias passado-verdade/presente-máscara. Ao «ver-se ao espelho», isto é, quando procede a uma introspeção efetiva, «depondo a máscara», o *eu* lírico chega à conclusão de que aquilo que foi no passado prevalece no seu presente («Era a criança de há quantos anos... / Não tinha mudado nada...», vv. 2-3). Assim, o seu passado de criança é a sua verdadeira essência, sendo o presente preenchido pela máscara, assumida como «personalidade» atual («Assim sou a máscara. / E volto à personalidade», vv. 10-11).

5. «Máscara» pode ter o valor simbólico de fingimento artístico, quer enquanto teoria de produção literária (intelectualização das emoções, filtragem racional das vivências, com recurso à memória), quer enquanto génese dos heterónimos. Na realidade, os heterónimos funcionam como «máscaras» literárias, que acabam por se tornar personalidades «de papel», bem definidas e distintas do seu criador. Podemos apreciar as várias «máscaras»: Alberto Caeiro, como o poeta «bucólico»; Ricardo Reis, como o poeta «clássico» e Álvaro de Campos, como poeta da modernidade.

Grupo II

1. (B);

2. (A);

3. (B);

4. (C);

5. (C);

6. (D);

7. (D).

8. Oração subordinada substantiva relativa (sem antecedente).

9. Modalidade apreciativa.

10. Sujeito simples.

Grupo III

Sugestão de tópicos de resposta:

• Ideia do verso de Ricardo Reis: é prova de sensatez e prudência conseguir ser um mero espectador dos acontecimentos que nos rodeiam.

• Esta filosofia de vida possui vantagens e desvantagens:

– vantagens: contemplar, inativamente, o mundo em que estamos pode proteger-nos de dissabores vários – não nos comprometemos, não arranjamos inimizades, prosseguimos a nossa vida sem sobressaltos e sem grandes preocupações, ... (exs.: não ajudar o próximo, porque não nos é nada, não intervir na vida social e/ou académica, porque dá muito trabalho e, por vezes, causa aborrecimentos desnecessários, ...).

– desvantagens: se todos pensarmos desta forma, a sociedade, em geral, não evolui; ninguém toma iniciativa e dá o primeiro passo para um progresso efetivo, em prol do bem comum, ... (exs.: é necessário agir pró-ativamente nos vários setores comunitários – social, político, voluntariado, ...).

• Devemos refletir sobre o nosso papel na sociedade em que estamos inseridos, na responsabilidade que todos partilhamos e no dever de exercer uma cidadania ativa.

Teste 3

(p. 325)

Grupo I

A

1. O «Ato» e o «Destino» surgem a par, ao longo do poema, num equilíbrio de forças, simbolizado por duas mãos humanas e pela dualidade corpo e alma. O «Ato» corresponde à ação do Homem, que ultrapassou os obstáculos do desconhecido, primeiro afastando «o véu», depois rasgando esse mesmo «véu». Esta ação humana, a aventura da navegação, só foi possível pela conjugação da alma, «a Ciência», e do corpo, «a Ousadia», dos navegadores. O «Destino», equivalente à intervenção divina, a mão que «ergue o facho trémulo e divino», estava traçado, por ser a vontade de Deus. Verifica-se, assim, uma relação completa do corpo («Portugal») e da alma («Deus») que conduziu ao desvendamento do mundo por descobrir.

2. A predestinação de Portugal está presente no cumprimento da vontade divina («Foi Deus a alma e o corpo Portugal»), sendo o «Ato» feito por desígnio de uma força oculta que orientou, através da luz do «facho», os navegadores portugueses. Os vocábulos «Desvendámos», «afasta», «véu», «rasgou», «desvendou» remetem primeiro para o mistério e, depois, para a revelação permitida pelo «facho que luziu», pela vontade divina.

3. Características épicas: a ação coletiva de um povo, de qualidades excecionais («Ciência», «Ousadia»), capaz de executar feitos extraordinários, gloriosos e singulares («afasta o véu», «o véu rasgou», «Desvendámos»); revelação da vontade divina e da predestinação de Portugal («Foi Deus a alma e o corpo Portugal»); o significado superior e intemporal da busca: Portugal «que ao Ocidente o véu rasgou».

B

4. O sujeito poético, nesta reflexão, critica o povo português, «gente surda e endurecida» (v. 4), que pouco valoriza a cultura, logo não aprecia devidamente o seu

canto épico. A nação portuguesa encontra-se num estado de decadência moral, imperando a falta de valores, tal como os seguintes versos explicitam: «No gosto da cobiça e na rudeza / Dũa austera, apagada e vil tristeza.» (vv.7-8).

5. Os portugueses distinguem-se pela sua coragem e espírito de sacrifício tanto na guerra («A ferro, a fogo, a setas e pelouros», v. 20; «A golpes de Idolátras e de Mouros», v. 22), como nas conquistas marítimas («A perigos incógnitos do mundo, / A naufrágios, a pexes, ao profundo», vv. 23-24). A todos estes trabalhos se entregam com alegria, sem queixumes e orgulhosos da sua missão («Olhai que ledos vão, por várias vias, / Quais rompentos liões e bravos touros», vv. 17-18).

Grupo II

1. (C);
2. (B);
3. (A);
4. (C);
5. (D);
6. (B);
7. (D).
8. Modificador.
9. Situação genérica.
10. «Fernando Pessoa».

Grupo III

Sugestão de tópicos de resposta:

- O povo português, desde sempre, primou pela coragem, pela ousadia, pelo desafio do desconhecido.
- No passado: as lutas pelo alargamento e pela independência do território português; o desenvolvimento de técnicas e de instrumentos que permitiram as navegações e a descoberta de novas terras; a conquista e colonização de novos territórios; o grande fluxo emigratório do século passado em busca de uma vida melhor, sem garantias de emprego, portanto, rumo à indefinição; ...
- Na atualidade: a coragem e a vontade de vencer que conduziu a um novo fluxo emigratório (ocasionado pela crise do início do século), nomeadamente por parte dos mais jovens e, inclusive, daqueles com mais anos de escolaridade; a distinção em várias áreas, fruto do empenho e da coragem, como no desporto (os atletas paraolímpicos, a seleção nacional de futebol, Cristiano Ronaldo, Nélson Évora, Sara Moreira, Patrícia Mamona, Dulce Félix, Jéssica Augusto, entre muitos outros); na Ciência, com o reconhecimento mundial (na Química, Isabel Ferreira; na Física, Nuno Peres; na Matemática, Delfim Torres; na biogeografia, Miguel Araújo;...); e na arquitetura (Álvaro Siza Vieira, Elisabete de Oliveira Saldanha, Eduardo Souto de Moura, Nuno Teotónio Pereira, Fernando Távora e Tomás Taveira); a criação de empresas inovadoras, como as *start-ups*, a nível da tecnologia, ou outras direcionadas para múltiplos domínios; ...

Teste 4

(p. 330)

Grupo I

A

1. O velho Rata era um mendigo viajado, «chegava a ir a Ourique, a Castro, à Messejana. Até fora a Beja» (ll. 6-7) e, como tal, vinha sempre «cheio de novidades». Padecia de reumatismo no último período da sua vida, «amarrando-o à porta do casebre» (ll. 10-11), prisioneiro da sua doença. Suicidara-se e, entre os aldeãos, a sua memória vai-se apagando aos poucos, porém não na mente de Batola.

2. Batola recorda-se de Rata, numa das muitas vezes em que a melancolia da aldeia o toma e o fragiliza. Nesse momento, recorda um amigo que já partiu, e de quem sente saudades porque, sendo viajado, Rata tinha sempre algo para contar. De tal forma se entretinha Batola com os relatos de Rata que «só de ouvi-lo parecia [...] que andava a viajar por todo aquele mundo» (ll. 7-8). Assim, na solidão e no marasmo da aldeia, Rata era uma companhia e uma forma de entretenimento.

3. Tomado pela doença, Rata ficara impedido de retomar as suas caminhadas que, além de lhe agradarem de modo especial, eram fonte de recolha de eventos que relatava, depois, especialmente a Batola. Preso na venda, Batola sentia que percorria os caminhos de Rata através das suas histórias. Quando a voz de Rata se calou, Batola volta a sentir o isolamento que só é mitigado com a chegada da rádio. As notícias, a música, o convívio proporcionado pela telefonia recordam a Batola a animação do próprio mendigo. Daí Batola dizer que, se tivesse havido rádio, para trazer a Rata as notícias do mundo, por onde já não podia caminhar, talvez não se tivesse sentido tão frustrado e não tivesse cometido suicídio.

B

4. O teor da carta prende-se com a exposição do relacionamento amoroso entre Carlos da Maia e Maria Eduarda. Este tipo de informações nunca deveria ser publicado, se o jornalismo fosse feito com seriedade. A linguagem e o estilo em que esta carta está redigida adequa-se à falta de nível do conteúdo. Notem-se os seguintes aspetos: registo de língua próximo do calão («a gaja», l. 10, «a tipa», l. 14); expressões pejorativas como «sô» (ll. 4, 5, 7), «papalvo» (l. 9); a ironia que percorre todo o texto «E caiu a espiga ao Maia» (ll. 15-16), «as façanhas do Maia das conquistas» (l. 20).

5. O último parágrafo contextualiza a carta no espaço social a que pertence. Efetivamente, só num meio devasso, corrupto e podre como o de Lisboa pôde originar e permitir uma carta que é uma verdadeira devassa à vida privada dos protagonistas; estamos perante uma acutilante crítica aos costumes da sociedade lisboeta, permissiva aos abusos da imprensa.

Grupo II

1. (B);
2. (A);
3. (C);
4. (B);
5. (D);
6. (D);
7. (C).

8. Complemento do nome.
9. «a empresa de Zuckerberg» (l. 29).
10. Relação de posterioridade.

Grupo III

Sugestão de tópicos de resposta:

- **Três idades da vida:** George, na atualidade com 45 anos, é uma mulher independente, profissional e financeiramente bem-sucedida.
- Com o objetivo de vender a casa dos pais, após a sua morte, regressa à terra natal e, a partir de uma velha fotografia, «reencontra-se» com Gi, a «rapariguinha» do retrato, com 18 anos, que simboliza a inocência, a vida familiar na vila; enfim, a sua juventude, para sempre perdida.
- Já de partida, no comboio, «encontra» Georgina, uma senhora idosa com cerca de 70 anos, que representa a sua própria velhice, o espectro da solidão e da inevitabilidade da morte.
- **Três idades da vida em diálogo:** George dialoga com estas duas figuras como se de verdadeiras personagens se tratasse; contudo, através de vários indícios (por exemplo, o pregador de ouro que Gi ainda possui; o facto de Georgina saber que George mora em casas alugadas) e coincidências (por exemplo, Gi e George não vivem sem a pintura; Georgina e George partilham a mesma sofisticação), o leitor apercebe-se de que tudo não passa de um monólogo de Georgina; isto é, trata-se de uma «presentificação» de réplicas de si própria, através da recordação (caso de Gi) ou projeção no futuro (caso de Georgina), em interlocução. No fim do conto, após estes «encontros e diálogos», George regressa à sua realidade de mulher de 45 anos, bem-sucedida e com uma vida confortável.

Teste 5

(p. 335)

Grupo I

A

1. Nestes excertos identificamos três figuras femininas: George e outras duas mulheres. Numa primeira parte, George encontra-se com Gi, uma jovem («jovem que se aproxima», l. 1), com um «lindo sorriso branco de dezoito anos», l. 11. No último excerto, já no comboio e de partida, George encontra Georgina, uma «senhora de idade», l. 24. Percebemos, pelo modo misterioso e oculto como elas aparecem, comum nas evocações do passado ou nas projeções do futuro, que são figurações da própria personagem principal.
2. Os encontros de George com estas duas figuras femininas parecem ter uma dimensão simbólica de alcance alargado, apontando para as três idades da vida. Se notarmos, apesar da estranheza e da falta de nitidez de contornos das personagens Gi e Georgina, estas acabam por parecer familiares a George, de algum modo. Efetivamente, o encontro com Gi corresponderá ao reviver de uma juventude para sempre perdida; George, tendo já 45 anos, está na sua meia idade; e no diálogo que trava com Georgina, imagina-se com 70 anos, na velhice, ideia que a deixa incomodada, preferindo voltar ao presente e ao seu estilo de vida.
3. Por exemplo: uso da ironia «triste» («A velha sorri de si para consigo, ou então partiu para qualquer lugar e

deixou o sorriso como quem deixa um guarda-chuva esquecido numa sala de espera.», ll. 26-27); interrogações retóricas («[...] – que terá sido que já não se lembra? –», ll. 18-19); reiteraões («[...] perder para todo o sempre árvores e casas da sua juventude, perder mesmo a mulher gorda, da passagem de nível.», ll. 15-16).

B

4. A aproximação de Teresa ao conceito de «herói romântico» é visível na sua caracterização enquanto mulher marcada por uma certa força: «mulher varonil, tem força de caráter, orgulho fortalecido pelo amor, desapego das vulgares apreensões». A sua passividade perante a autoridade paterna é aparente, pois, apesar da sua «idade inexperta», tem a percepção de que a lealdade nem sempre deverá ser absoluta e que, se há fins a atingir, por vezes ter-se-á de optar «por atalhos onde não cabem a franqueza e a sinceridade». Esta atitude deixa transparecer alguma «astúcia» e «perspicácia», revelando a personagem capacidade e força para resistir às contrariedades.
5. O narrador, quanto à presença, é heterodiegético, pois não participa na história, assumindo a narração na terceira pessoa («Teresa adivinha que a lealdade tropeça», l. 7; «Da carta que ela escreveu a Simão Botelho», l. 12), contudo, a assunção da narração na primeira pessoa, como em «eu abundo sempre» (l. 5), «de que rezam os meus apontamentos» (ll. 9-10) e «A mim me basta» (l. 10), coloca-o no tempo da escrita, permitindo-lhe transitar entre os dois tempos. Relativamente à ciência, a focalização é onisciente, dado revelar um conhecimento total da ação («a celebridade que ela veio a ganhar à conta da desgraça», ll. 10-11) e da interioridade das personagens («O coração de Teresa estava mentindo.», l. 1; «Teresa adivinha que a lealdade tropeça», l. 7; «pondo a mira no futuro», l. 3). Quanto à posição, a subjetividade do narrador manifesta-se nos comentários e juízos de valor que vai tecendo: «Vão lá pedir sinceridade ao coração!» (l. 1); «Não será aleive atribuir-lhe um pouco de astúcia, ou hipocrisia, se quiserem; perspicácia seria mais correto dizer.» (ll. 6-7); «Estes ardis são raros na idade inexperta de Teresa; mas a mulher do romance quase nunca é trivial» (ll. 8-9).

Grupo II

1. (B);
2. (C);
3. (D);
4. (B);
5. (A);
6. (A);
7. (C).
8. Complemento do adjetivo.
9. Oração subordinada adverbial concessiva.
10. Relação de posterioridade.

Grupo III

Sugestão de tópicos de resposta:

- O sentimento de solidão que se vive no início do conto é potenciado pela vastidão do espaço e pelo silêncio dos campos infundáveis. Este tempo de marasmo e solidão acompanha os sentimentos de vazio e inércia, vividos pelas personagens, acentuados pela ausência de comunicação, o desalento e a falta de energia para agir (Exemplos da obra: o exagero com que Batola bebia e os maus tratos à esposa; o suicídio do Rata; ...).
- A telefonia é o fator responsável pela rutura; revela-se o elemento impulsionador da mudança para a convivialidade entre os membros da comunidade.
- A venda do Batola, antigo espaço de tristeza e solidão, transforma-se num local privilegiado de convivialidade, onde as pessoas se sentem livres e satisfeitas, com vontade de viver. Passa-se a um tempo de convívio e encontro, onde há comunicação entre as pessoas, impulsionadas para a ação, pela curiosidade e com um novo alento (Exemplos: juntavam-se para ouvir as novidades; dialogavam sobre os problemas e até organizaram um baile; ...).

Teste 6

(p. 340)

Grupo I

A

1. O poeta «deitou-se e teve sono» porque nada motivava ou inspirava a sua arte poética: não tinha sentimentos amorosos («nenhum coração era seu dono»), estava incapaz de viver ilusões («Mais nenhuma ilusão lhe apetecia»); tudo nele e à sua volta era decadência e abandono («Cada fruto maduro apodrecia; / Cada ninho morria de abandono»). Tudo aponta para o desaparecimento e morte do poeta.

2. No primeiro terceto, fica claro que o adormecimento do poeta, referido anteriormente, se integra na «razão da vida» porque só esta é capaz de perspetivar a organização cíclica, o ritmo das estações do ano. Assim, se no inverno a natureza descansa, na primavera a natureza acorda e os seus rebentos brotam. O mesmo acontece ao poeta que, após ter «adormecido», «hibernado», «desperta» do seu sono capaz de deitar os seus rebentos: o poema.

3. A metáfora associa o ofício do poeta à Natureza. O poeta, após ter «adormecido» (no período do inverno), acorda com a energia da Natureza em plena primavera: a sua seiva, cheia de vitalidade, está pronta para gerar nova vida. Da mesma forma, a «seiva do poema» está pronta para dar vida a nova arte poética que significará a ressurreição do poeta que se anuncia no título.

B

4. Caeiro afirma que ficaria feliz por «pensar que a [sua] morte não tem importância nenhuma» porque esta seria um facto natural, seguindo o ritmo da Natureza que, também ela, renasce e morre, sempre naturalmente. A morte é recebida pela Natureza como algo natural e, por isso, nada se altera. Como ser natural que é, Caeiro pretende encarar a sua morte da mesma forma, recusando, assim, qualquer pensamento metafísico que se pudesse associar à morte do humano, o que está em consonância com a perspetiva antimetafísica que encontramos na poesia de Caeiro que se centra na recusa

de qualquer pensamento como condição para o homem poder ser feliz.

5. O poeta afirma que não tem desejos para após a sua morte porque essas preferências já não dependem dele. Ele quer que a sua morte seja natural e que as reações à sua morte sejam tão naturais como serão às da Natureza, que, se ele falecesse antes da primavera, floresceriam exatamente da mesma forma.

Grupo II

1. (C);

2. (A);

3. (C);

4. (B);

5. (B);

6. (A);

7. (D).

8. Modificador do nome apositivo.

9. Oração subordinada adjetiva relativa explicativa.

10. Trata-se de um texto expositivo. Marcas específicas de género: carácter expositivo (apresentam-se aspetos relacionados com a produção literária e a personalidade de Miguel Torga; elucidação sobre vários temas (tratados na obra de Torga); apresentação de exemplos comprovativos das ideias (o texto apresenta, de forma concisa, aspetos marcantes da produção literária do poeta que vêm comprovar os traços que o autor do texto pretendeu destacar na apresentação da poesia torquiana).

Grupo III

Sugestão de tópicos de resposta:

Tese: A opção de vida no campo é uma opção que se coaduna com os novos conceitos de qualidade de vida

Argumento 1: As pessoas, atualmente, entendem que a qualidade de vida deve passar pelos ritmos mais calmos e por evitar a banalização do stresse das grandes cidades; exemplo: O Caso de Estevão e de Teresa, citado no texto é um entre muitos outros conhecidos atualmente e que têm lugar um pouco por todo o mundo dito «desenvolvido».

Argumento 2: A opção de vida no campo permite recuperar e revitalizar zonas do país que estão desertificadas ou subdesenvolvidas, permitindo também a exploração de outros setores de atividade. Exemplo: estas novas tendências e a revitalização territorial e económica ficam patentes no desenvolvimento da agricultura biológica, da criação de espécies, atividades desenvolvidas por jovens que optaram por abandonar a cidade, preferindo apostar neste perfil de vida no campo.

Conclusão: Embora a cidade continue a apresentar fortes atrativos de fixação da população, a opção de vida no campo poderá constituir uma opção que privilegia tanto o bem-estar individual e qualidade de vida como a sustentabilidade económica com consequências positivas no desenvolvimento do país.

Teste 7

(p. 345)

Grupo I**A**

1. O sujeito poético recorda um namorado que teve há muito tempo, tanto que já nem consegue precisar quanto («há quanto tempo foi?»). O efeito do tempo na memória leva ao esquecimento, pelo que a memória do namorado ficou perdida «mais de vinte anos». Muitos pormenores ficaram esquecidos para sempre porque o relacionamento entre eles foi breve e também porque «há quinze anos» o sujeito lírico rasgou as cartas dele e não guardou fotos. Até o nome foi esquecido. Todos estes elementos indicariam que a memória acabaria por levar ao esquecimento completo deste namorado. Todavia, o sujeito poético guarda algumas memórias desse namorado de há «mais de vinte anos» que se justificam pelo prazer e pela transgressão, associados ao facto de ele lhe ter dado a mão e um beijo no meio de uma pensão, onde os pais do sujeito também se encontravam. Assim, permaneceram memórias daquele beijo, das conversas sobre cinema e do calçado azul. O nome do «namorado», que o sujeito esqueceu, fica por isso associado a uma experiência e sensação positivas e por isso se afirma que ele «tinha/ um nome bom».

2. Apontar três dos vários indícios de efemeridade: o facto de se tratar de um relacionamento de férias, provavelmente resultante de um conhecimento de ocasião, numa pensão; a distância (ele escrevia-lhe cartas); o facto de eles nunca terem falado de amor («um namorado sem falar /de amor»); a timidez que impediria um avanço da relação; a presença intimidante dos pais.

3. A luz aparece no título e no próprio poema associada à memória de coisas antigas, que sucederam no passado do «eu» poético, mas que não estão esquecidas. A luz funciona como metáfora do não apagamento dessas memórias e associa-se a sentimentos positivos que nascem da evocação dessas memórias de experiências positivas e marcantes para o sujeito poético, as «coisas de luz antigas».

B

4. Sentimentos contrastantes: tristeza e alegria; Causas: a ausência do amigo e o seu regresso, respetivamente; Consequências: A tristeza leva a jovem a deixar de ter vontade de se divertir, tendo perdido o interesse por tudo; associa-se a um sentimento de preocupação que a impede de dormir e levou mesmo a que ela perdesse o juízo. Já a alegria pelo regresso do amigo leva a menina a ter desejo de se divertir e de aproveitar a vida, pois está ciente do bem que o amigo representa para ela.

5. O tema do amor no poema de Ana Luísa Amaral é tratado de forma simples e quase ingénua, uma vez que se perspectivam os sentimentos associados a uma fase de descoberta do amor e que estão sobretudo relacionados com a atração e não com a profundidade que o sentimento poderá desencadear. Na cantiga de amigo apresentada na parte B, o amor é tratado como um sentimento natural e puro capaz de condicionar os sentimentos e as vivências da jovem apaixonada, que só consegue ser feliz na presença do seu amado. Esta composição trata, então, o amor já numa fase correspondente ao namoro e a um relacionamento mais profundo e dependente do que se verificou no poema da parte A.

Grupo II

1. (C);

2. (D);

3. (A);

4. (A);

5. (A);

6. (C);

7. (D).

8. Modalidade epistémica com valor de certeza.

9. Oração subordinada adverbial condicional.

10. Trata-se de um texto de apreciação crítica, o que fica patente no seu carácter informativo, presente na apresentação de uma coleção que acabou de ser lançada e da qual se faz uma descrição sucinta. Esta descrição é acompanhada de um comentário crítico da coleção, que fica patente em afirmações como «esta pode ser uma boa alternativa para si» ou «Na coleção "Anti-Princesas", pode não se "viver feliz para sempre", mas também se pode ficar com uma noção mais real do que é a vida» (ll. 39-40). Por fim, no texto faz-se uso de uma linguagem valorativa elogiosa, como se observa em «Um livro bom para filhos e pais» (l. 17).

Grupo III

Tese: A educação das crianças deverá ser orientada para a promoção da igualdade de géneros.

Argumento 1: A promoção da igualdade de géneros, desde a mais tenra idade, feita em meio escolar permitirá combater os estereótipos que são perpetuados familiar e socialmente. Exemplo: A evolução da sociedade moderna tem mostrado que os países mais evoluídos que têm apostado na educação para a igualdade têm conseguido claros avanços no papel da mulher em sociedade e nas condições de acesso ao emprego e aos direitos de cidadania.

Argumento 2: Uma sociedade que promova a igualdade de género será uma sociedade onde os direitos das mulheres serão defendidos e tidos em consideração. Exemplo: a educação para a igualdade poderá em certos países permitir às mulheres o acesso à educação ou a um papel na vida ativa e poderá inclusive contribuir para a eliminação de práticas ancestrais que violam claramente o direito da mulher à sua autodeterminação e à sua integridade física, como é o caso dos casamentos de crianças ou da prática da excisão em certas culturas.

Teste 8

(p. 350)

Grupo I**A1**

1. Apesar de ter prometido a si própria que não regressaria a casa de Ricardo Reis, Lídia não resiste a vir desabafar com ele a situação complicada em que se encontra o seu irmão Daniel, «mas eu não consigo guardar este peso para mim, tinha de desabafar com uma pessoa de confiança, pensei no senhor doutor, em quem mais havia de pensar» (ll. 15-16). Ricardo Reis consola-a com palavras banais e ocas de sentimento («Ricardo Reis espanta-se por não reconhecer em si nenhum sentimento» (ll. 17-18); «Tens a certeza, perguntou, mas disse-o somente porque é costume dar a nossa cobardia ao destino essa última oportunidade de voltar atrás» (ll. 22-23). Podemos concluir que não há reciprocidade na

relação amorosa: Lídia é sincera e espera o carinho de Reis, porém este mostra-se incapaz de corresponder verdadeiramente a essas expectativas.

2. Ricardo Reis limita-se a presenciar o mundo que o rodeia, não intervindo no curso dos acontecimentos. Aceita os factos como eles são e resigna-se perante o destino reservado ao mundo, dado que um dia esse mundo acabará e nós com ele - «isto é que seja o destino, sabermos o que vai acontecer, sabermos que não há nada que o possa evitar, e ficarmos quietos, olhando, como puros observadores do espetáculo do mundo, ao tempo que imaginamos que este será também o nosso último olhar, porque com o mesmo mundo acabaremos» (Il. 18-21).

3. Por exemplo: «É que, interrompeu-se para enxugar os olhos e assoar-se, é que os barcos vão revoltar-se, sair para o mar, Quem to disse, Foi o Daniel em grande segredo, mas eu não consigo guardar este peso para mim, tinha de desabafar com uma pessoa de confiança, pensei no senhor doutor, em quem mais havia de pensar, não tenho ninguém, a minha mãe não pode nem sonhar.», Il. 13-17 – a pontuação adequa-se ao ritmo prosódico da oralidade, através de pausas de respiração, representadas pela vírgula (pausa breve) e pelo ponto (pausa longa). As maiúsculas auxiliam a identificar as vozes presentes no texto.

A2

1. Baltasar e Blimunda vivem uma história de amor excecional, estabelecem um relacionamento de dádiva incondicional e recíproca, de complementaridade, de união espiritual e física, «ao voltar-se para Blimunda pode, com ele, cingi-la contra si, correr-lhe os dedos desde a nuca até à cintura, mais abaixo ainda se os sentidos de um e do outro despertaram no calor do sono e na representação do sonho, ou já acordadíssimos iam quando se deitaram» (Il. 2-5); «se a ele apeteceu, a ela apetececerá, e se ela quis, quererá ele» (I. 6). O seu amor puro vive à margem do convencional, está acima das leis sociais da época, possui uma dimensão especial e única, «este casal, ilegítimo por sua própria vontade, não sacramentado na igreja, cuida pouco de regras e respeitos» (I. 5-6); «por primeira infração aos usos, nus como suas mães os tinham parido» (I. 9).

2. Baltasar não compreende o motivo pelo qual Blimunda tem obrigatoriamente de comer pão em jejum. No entanto, pressente que guarda algum «mistério» e que poderá, por exemplo, ter herdado da mãe dons extraordinários. Desconfia também da maneira evasiva e estranha como Blimunda lhe tem respondido. Suspeita ainda de vários factos, nomeadamente, o querer saber o seu nome no primeiro encontro; o fazer a persignação e a cruz no peito de Baltasar, com o sangue da sua virgindade; apercebe-se da beleza extraordinária dos seus olhos, entre outros aspetos. Por isso, chega a dizer que Blimunda o enfeitiçou. Baltasar em breve descobrirá que as suas suspeitas são fundadas e que Blimunda tem a capacidade excecional de ver pessoas e objetos por dentro.

3. Por exemplo: «Não me faças isso, e foi o grito tal que Baltasar a largou, assustado, quase arrependido da violência, Eu não te quero fazer mal, só queria saber que mistérios são, Dá-me o pão, e eu digo-te tudo, Juras, Para que serviriam juras se não bastassem o sim e o não, Aí

tens, come, e Baltasar tirou o taleigo de dentro do alforge que lhe servia de travesseira.» (Il. 26-30) – a pontuação adequa-se ao ritmo prosódico da oralidade, através de pausas de respiração, representadas pela vírgula (pausa breve) e pelo ponto (pausa longa). As maiúsculas auxiliam a identificar as vozes presentes no texto.

B

4. A caracterização é do rosto da «Senhora», cuja beleza é relacionada com a Primavera, em todo o seu esplendor, «Nas belas faces, e na boca e testa, / Cecéns, rosas, e cravos debuxando» (vv. 3-4). A sua perfeição é tal que até os elementos da Natureza se rendem aos seus encantos, «Que o monte, o campo, o rio, e a floresta, / Se estão de vós, Senhora, namorando» (vv. 7-8).

5. Apesar da sua aparência deslumbrante, a «Senhora» não corresponde aos intentos amorosos do sujeito lírico, «Se agora não quereis que quem vos ama / Possa colher o fruto destas flores» (vv. 9-10). Assim, «Perderão toda a graça os vossos olhos», dado que a «Senhora», em vez de conceder esperança ao *eu* poético, o afasta cruelmente, como se a sua atitude originasse «espinhos», o que o último verso, «Se vossa condição produz abrolhos», vem confirmar.

Grupo II

1. (C);
2. (B);
3. (D);
4. (A);
5. (B);
6. (B);
7. (A).
8. Modalidade epistémica (valor de certeza).
9. «admiro-o até no seu próprio comportamento em relação à vida [...]» (I. 39).
10. Predicativo do sujeito.

Grupo III

Tópicos de resposta:

- A contradição consiste na apresentação de incompatibilidade lógica entre atitudes, comportamentos ou afirmações.
- O Homem, apesar de ser dotado da racionalidade que o distingue de todos os outros animais, apresenta-se também como o ser mais contraditório, a vários níveis:
 - pessoal: oposição entre aquilo que acredita e aquilo que efetivamente concretiza (exemplo: defendem-se princípios ecológicos mas continua-se a poluir); o que se pensa num determinado momento da vida entra em discórdia com o que se acha anos mais tarde (exemplo: atitudes enquanto crianças e depois enquanto jovens); muitas vezes, sente-se atração e repulsão por determinada ideia/filosofia de vida (exemplo: caso de Saramago perante o epicurismo de Reis).
 - social: proclama-se a defesa dos direitos humanos, porém são cada vez mais os casos de violação desses mesmos direitos que chegam aos *media* (exemplos: os refugiados, a construção de «muros», impedindo a imigração e a circulação de pessoas); apregoa-se a solidariedade, a necessidade de auxiliar os mais desprotegidos, contudo os atos de egoísmo e de ganância prevalecem (exemplos: o

virar a cara aos mendigos; as falcatuas financeiras; a corrupção política).

• Reflexão final: estes comportamentos contraditórios do ser humano fazem parte da complexidade que o caracteriza. No entanto, deverão constituir matéria de ponderação a nível individual e alvo de discussão, por exemplo, entre os jovens, no sentido de fazer com que os atos não se desviem das teorias e valores em que se acredita.

Teste 9

(p. 356)

Grupo I

A1

O Ano da Morte de Ricardo Reis

1. O narrador critica, ironicamente, a política de hegemonia europeia levada a cabo pela Itália, Portugal, Alemanha e, também, pela Espanha, onde esta ação estava a ser conduzida através da violência («amanhã ceifaremos as messes»). Critica, igualmente, a exploração e a alienação do povo ao longo dos tempos, que sempre foi reduzido a «nada» («Nós não somos nada»), desde «os escravos que construíram as pirâmides», «os pedreiros e os boieiros de Mafra», «os alentejanos mordidos pelo gato raivoso», «os beneficiários dos bodos misericordiosos e nacionais», «os do Ribatejo a favor de quem se fez a festa do Jockey Club», «os sindicatos nacionais que em maio desfilarão de braço estendido», situação que ainda se mantém.

2. As palavras de Lídia «acho que quanto mais alto se sobe, mais longe se avista» pretendem ser um elogio ao facto de Ricardo Reis ser privilegiado por ter estudos que lhe permitem ter uma perspetiva diferente do mundo. No entanto, as mesmas palavras encerram, por parte do autor-narrador, uma crítica à postura do protagonista que se limita a observar esse mundo, não agindo, distanciando-se intencional e confortavelmente dos acontecimentos. Esta postura é evidente nos versos da sua ode, relativamente à posição da lua que brilha por se encontrar no alto, bem como nos restantes versos em que se exorta à ataraxia: «nada / Teu exagera ou exclui», «Põe quanto és / No mínimo que fazes».

3. Lídia, ao afirmar não ser «nada», não ter instrução e de se considerar um bom exemplo do que é ser o povo, revela ser capaz de formar uma opinião própria, de ter o discernimento e a inteligência necessários para compreender e analisar o que se passa à sua volta, realçando-se, assim, a sua força de carácter e a sua exceção.

A2

Memorial do Convento

1. O narrador critica, em primeiro lugar e a partir do símbolo da justiça, nomeadamente a venda nos olhos que, ao invés de indicar que todos são iguais aos olhos da lei, a cegueira da justiça, ao ponto de castigar os justos ou com crimes menores e premiar os que realmente pecaram aos olhos da lei. De seguida, ironicamente, refere a atuação do Santo Ofício que condena à fogueira quem «não honrar os fiéis defuntos», deixando impune quem pratica crimes maiores («apunhalar a mulher, por suspeita de infidelidade», l. 10). Aqui, surge nova crítica à aplicação da justiça, pois quem tiver «padrinhos que desculpem o homicídio e mil cruzados para pôr na balança» facilmente é ilibado, ou seja, os poderosos que cometeram crimes, mesmo graves, saem impunes

(«honre-se a gente de bem e de bens, não lhe exigindo que pague as dívidas contraídas, que renuncie à vingança, que emende o ódio», ll. 13-14), e os mais desfavorecidos são severamente castigados («Castiguem-se lá os negros e os vilões para que não se perca o valor do exemplo», ll. 12-13). A morosidade dos processos e a quantidade de recursos que têm de ser interpostos são igualmente visados pelo narrador («correndo os pleitos, por não se poderem evitar de todo, venham a rabulice, a trapaça, a apelação, a praxe, os ambages, para que vença tarde quem por justa justiça deveria vencer cedo, para que tarde perca quem deveria perder logo», ll. 14-17) e, a par, recorrendo à alegoria do leite da vaca, quem lucra com esta morosidade judicial («manjar de meirinho e solicitador, de advogado e inquiridor, de testemunha e julgador», ll. 18-19).

2. É estabelecida a intertextualidade com o *Sermão de Santo António aos Peixes*, do Padre António Vieira, com o capítulo das repreensões gerais aos peixes, quando chama a atenção para o facto de os homens se explorarem uns aos outros, nomeadamente no que diz respeito à aplicação da justiça, salientando-se a os dividendos que muitos retiram da morosidade e da complexidade da justiça.

3. O narrador refere as injustiças «invisíveis» que «são cegas e desastradas», ou seja, as injustiças do destino que salva quem pratica descaradamente o mal, como é o caso do infante D. Francisco, e conduz à morte quem nada ou pouco fez para ser castigado dessa forma, como o infante D. Miguel.

B

4. O verbo «comer» surge com valor denotativo quando o pregador refere o caso dos Tapuias, que são antropófagos («Cuidais que só os Tapuias se comem uns aos outros», ll. 2-3), e com valor conotativo quando pretende falar da atuação dos «brancos», dos colonos, que tudo fazem para explorar («comer») os outros («muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos», ll. 3-4; «tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer», ll. 6-7).

5. As repreensões aos peixes dirigem-se alegoricamente aos homens, facto visível nos exemplos humanos mencionados. Assim, pretende-se criticar a exploração feita pelo homem ao homem, desde a exploração dos negócios em torno dos defuntos, a exploração dos familiares de quem morre e a exploração do sistema judicial, tudo executado às claras, pois quem explora está ciente da sua impunidade.

Grupo II

1. (D);

2. (B);

3. (B);

4. (A);

5. (B);

6. (C);

7. (D).

8. Complemento do adjetivo.

9. Valor perfeitivo.

10. Oração subordinada adverbial comparativa.

Grupo III

Tópicos de resposta:

- Os conceitos de justiça e de lei não são imutáveis, como o comprova a «história dos povos», pois a aplicação da justiça está dependente de leis que, frequentemente, não são justas nem promovem a igualdade e a equidade.
- A justiça age de forma célere no que concerne os crimes que lesem a integridade física de cidadãos ou os pequenos crimes, como furtos, incumprimento de pequenas dívidas, entre outros, no entanto, prima pela morosidade quando o crime é perpetrado por alguém poderoso financeira, política e socialmente; ...
- Muitas vezes, o castigo previsto na lei, como o cumprimento de penas, não é sinónimo nem garantia de justiça, uma vez que o sistema prisional, nomeadamente

em Portugal, não promove a correção de comportamentos desviantes, fomentando, por vezes, a prática posterior de outros crimes, nem promove uma correta e efetiva reinserção social no final do cumprimento das penas;

- Outros tipos de justiça que não são nem controláveis nem puníveis por lei, estando, por vezes, oficial e legalmente regulados: desigualdades socioeconómicas, condicionamentos socioeconómicos, que são, frequentemente, uma punição para quem não apresenta qualquer culpa; ...
- ...

Grelhas de Avaliação

Escola: _____

Ano letivo: 20____/ 20____

Grelha da correção do Teste _____

N.º	Aluno	Grupo I – texto A				Texto B			Subtotal	Grupo II		Subtotal	Grupo III		Subtotal	Total
		Q. 1	Q. 2	Q. 3	Q. 4	Q. 5	Q. 1-10	Conteúdo		Cor. linguística						
									20		20	20	20	20	50	30
1										50			30	20	50	200
2																
3																
4																
5																
6																
7																
8																
9																
10																
11																
12																
13																
14																
15																
16																
17																
18																
19																
20																
21																
22																
23																
24																
25																
26																
27																
28																

Escola: _____

Grelha da correção do Teste _____

N.º	Aluno	Grupo I – texto A				Texto B			Subtotal	Grupo II		Subtotal	Grupo III		Subtotal	Total
		Q. 1	Q. 2	Q. 3	Q. 4	Q. 5	Q. 1-10	Conteúdo		Cor. linguística						
									20		20	20	20	20	50	30
1																
2																
3																
4																
5																
6																
7																
8																
9																
10																
11																
12																
13																
14																
15																
16																
17																
18																
19																
20																
21																
22																
23																
24																
25																
26																
27																
28																

Grelhas de avaliação

Plano Anual de Atividades

Grelha de avaliação de atividades desenvolvidas

Ano letivo: 20__ / 20__

Escola: _____

Atividade: _____

	1	2	3	4	5	6
Interesse dos alunos						
Participação dos alunos						
Participação da comunidade escolar						
Participação/envolvimento dos EE						
Cumprimento dos objetivos gerais						
Cumprimento dos objetivos específicos						
Avaliação, tendo em conta os objetivos traçados no PEE						
Articulação com outras áreas disciplinares						
Horário						
Local						
Recursos materiais						
Apreciação final						

Observações:

Sugestões:

Escala:

1 – Mau 2 – Insuficiente 3 – Suficiente 4 – Bom 5 – Muito Bom 6 – Excelente

Ano letivo: 20___/ 20___

Escola: _____

Grelha de Avaliação do domínio da **Oralidade**: Apreciação crítica

DESCRITORES		Alunos																												
		1 –	2 –	3 –	4 –	5 –	6 –	7 –	8 –	9 –	10 –	11 –	12 –	13 –	14 –	15 –	16 –	17 –	18 –	19 –	20 –	21 –	22 –	23 –	24 –	25 –	26 –	27 –	28 –	
Conteúdo – 12 valores		Elabora plano de texto/ Respeita plano de texto dado (1)																												
		Identifica o objeto e descreve-o sucintamente (3)																												
		Formula com clareza juízos valorativos (emoções, sentimentos suscitados) (3)																												
		Apresenta argumentos válidos com o respetivo exemplo (3)																												
		Conclui com comentário crítico pertinente (2)																												
		Respeita o encadeamento lógico dos tópicos tratados (2)																												
Discurso (forma) – 8 valores		Utiliza com eficácia recursos verbais e não-verbais (tom de voz, dicção, entoação, ...) (2)																												
		Usa o registo de língua adequado (corrente, cuidado, técnico-científico) (1)																												
		Exprime-se com correção linguística (1)																												
		Usa adequadamente as TIC (suporte à intervenção) (1)																												
		Respeita a extensão temporal (4-6 min.) (1)																												
		Total / 20 val.)																												

Ano letivo: 20___/ 20___

Escola: _____

Grelha de Avaliação do domínio da **Oralidade/Educação Literária: Apresentação oral**

DESCRITORES		Alunos																													
		1 –	2 –	3 –	4 –	5 –	6 –	7 –	8 –	9 –	10 –	11 –	12 –	13 –	14 –	15 –	16 –	17 –	18 –	19 –	20 –	21 –	22 –	23 –	24 –	25 –	26 –	27 –	28 –		
Conteúdo – 12 valores		Apresenta de forma sucinta a temática a abordar (2)																													
		Fundamenta as ideias com exemplos (4)																													
		Respeita o carácter demonstrativo (2)																													
		Usa linguagem objetiva, sem juízos de valor (2)																													
		Refere a importância do assunto tratado (2)																													
Discurso (forma) – 8 valores		Utiliza com eficácia recursos verbais e não verbais (tom de voz, dicção, entoação, ...) (1)																													
		Respeita o encadeamento lógico dos tópicos tratados (2)																													
		Usa o registo de língua adequado (corrente, cuidado, técnico-científico) (1)																													
		Exprime-se com correção linguística (2)																													
		Usa adequadamente as TIC (suporte à intervenção) (1)																													
		Respeita a extensão temporal (5-7 min.) (1)																													
Total (20 val.)																															

Escola:

Alunos

DESCRITORES		Alunos																												
		28 –	27 –	26 –	25 –	24 –	23 –	22 –	21 –	20 –	19 –	18 –	17 –	16 –	15 –	14 –	13 –	12 –	11 –	10 –	9 –	8 –	7 –	6 –	5 –	4 –	3 –	2 –	1 –	
Conteúdo – 12 valores	Apresenta de forma sucinta a temática a abordar (1)																													
	Explicita um ponto de vista (2)																													
	Apresenta argumentos/contrargumentos pertinentes, coerentes e claros (2)																													
	Fundamenta a argumentação apresentada (2)																													
	Utiliza uma linguagem valorativa e adequada / usa adjetivos, advérbios, repetições, recursos expressivos... (2)																													
	Organiza a informação com coerência e correção. (3)																													
	Utiliza com eficácia recursos verbais e não verbais (postura, tom de voz, dicção, entoação, ...) (1)																													
	Respeita o encadeamento lógico das ideias. (2)																													
	Usa o registo de língua adequado (1)																													
	Exprime-se com correção linguística. (2)																													
	Usa adequadamente as TIC (suporte à intervenção) (1)																													
	Respeita a extensão temporal (4-6 min.) (1)																													
Total (20 val.)																														

Escola:

Alunos

[illegible]

Escola:

Grelha de Avaliação do domínio da **Escrita** (síntese, exposição, apreciação crítica e opinião)

[illegible]

Escola: _____

Ano letivo: 20___/ 20___

Grelha de avaliação da leitura expressiva (após preparação)

Ano: ____ Turma: ____										Peso na avaliação: ____		
N.º	ALUNOS	Expressividade Muito/ pouca/ nula (5)	Voz				Pontuação (respeito pela) (4)	Correção vocabular (3)	Total (20 valores)			
			Dicção articulada/ pouco articulada/ desarticulada (2)	Tom monótono/ variado (2)	Intensidade audível/ fraca/ não audível (2)	Ritmo lento/ regular/ rápido (2)						
1												
2												
3												
4												
5												
6												
7												
8												
9												
10												
11												
12												
13												
14												
15												
16												
17												
18												
19												
20												
21												
22												
23												
24												
25												
26												
27												
28												
Observações:												

